

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



Centro de Ciências da Educação

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM
BIBLIOTECONOMIA**



MARCELA REINHARDT DE SOUZA

FORMAÇÃO DE LEITORES ESCOLARES: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC

Florianópolis

2015

MARCELA REINHARDT DE SOUZA

FORMAÇÃO DE LEITORES ESCOLARES: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.
Orientadora: Prof.^a Dra. Magda Teixeira Chagas.

Florianópolis

2015

Acadêmico: Marcela Reinhardt de Souza

Título: FORMAÇÃO DE LEITORES ESCOLARES: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 10,0.

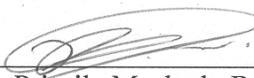
Florianópolis, 24 de novembro de 2015.



Magda Teixeira Chagas, Dra

Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Orientadora



Priscila Machado Borges Sena, Me

Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca Examinadora



Sonali Paula Molin Bedin, Me

Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca Examinadora

Ficha Catalográfica elaborada pela autora.

S729f Souza, Marcela Reinhardt de

Formação de leitores escolares: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC / Marcela Reinhardt de Souza. - - 2015

81 f. : il. color. ; 30 cm

Orientador: Prof.^a Dra. Magda Teixeira Chagas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)
– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2015.

1. Leitura. 2. Formação de leitores. 3. Leitores escolares I. Título.

CDU

Esta obra é licenciada por uma licença *Creative Commons* de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 3.0. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>



Você tem o direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e criar a partir do material.

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e meus amigos espirituais que sempre protegem a mim, a minha família e os animais que estão sempre ao meu redor.

Aos meus pais pela educação que tive, por terem me ensinado que estudar é sempre importante. Pelo apoio, amor, carinho e motivação. Pelos exemplos que direcionam o meu caminho. Pela parceria, mesmo que a distância. Peço desculpas por ter optado por seguir uma caminhada em outra cidade, mas essas são missões de vida que fogem do nosso controle e que para evoluirmos se fazem necessárias.

Ao meu companheiro Romaneli, pela amizade e companheirismo de sempre. Por ter sido fundamental neste processo de final de curso, em que todo o seu apoio serviu de base para mim e tornou toda essa rotina de 17 horas diárias de sufoco possível. Obrigada por encarar comigo essa missão junto aos animais.

Aos animais que passam pela minha vida deixando sempre uma lição de amor e força, me enchendo de amor e de coragem. Não sou eu que lhes ajudo, são vocês que me fazem evoluir. Que eu sempre tenha condições de trilhar este caminho junto a vocês para lhes dar uma vida digna e cheia de amor. Cada animal que passa pela minha vida deixa um pedaço de seu coração comigo e leva um pedaço do meu.

Aos meus amigos que são parte da minha família. São fundamentais para tornarem a minha vida mais feliz. Obrigada pelo companheirismo, principalmente àqueles que não deixaram a distância e o tempo nos afastar e que seguem na minha vida desde o Ensino Fundamental, Médio ou desde a Graduação em História. Obrigada Cristiano por toda a paciência em ler meu trabalho e me dar dicas valiosas. Obrigada aos amigos que a vida em Florianópolis me trouxe.

A minha orientadora, aos professores da banca e da graduação que tornaram possível este trabalho e que são fundamentais para que eu possa seguir na carreira acadêmica e para que eu me possa me tornar uma profissional digna do título “bibliotecária”.

SOUZA, Marcela Reinhardt de. **Formação de leitores escolares**: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC. 2015. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva realizar uma análise comparativa entre a formação leitora que os alunos de escolas privadas e estaduais, do primeiro ano do Ensino Médio tiveram ao longo do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos foram verificar se os estudantes analisados possuem interesse pela leitura e por que tipo de leitura; apontar como e influenciados por quem, os alunos desenvolveram a prática da leitura; verificar a influência da biblioteca escolar no processo de formação do leitor e identificar as semelhanças e diferenças do processo de formação leitora entre os alunos das escolas privadas e estaduais pesquisados. A abordagem deste estudo foi quanti-qualitativa e quanto aos seus objetivos foi uma pesquisa descritiva. Foram selecionadas as escolas da rede pública estadual e da rede privada localizadas nos bairros Ingleses do Rio Vermelho e São João do Rio Vermelho na cidade de Florianópolis/SC e aplicados questionários, contendo vinte questões, com os alunos que frequentam o primeiro ano do Ensino Médio de cada escola. Os objetivos propostos foram atingidos, concluindo-se que os alunos de ambos os tipos de escola pesquisados possuem muitas semelhanças na sua formação leitora e no comportamento atual, como o fato de serem principalmente influenciados a visitar a biblioteca pelos professores; o acesso aos livros ocorrer, sobretudo na biblioteca; serem influenciados a ler pelos professores e se considerarem majoritariamente pouco interessados pela leitura. As principais diferenças estão no número de alunos que durante o Ensino Fundamental frequentava a biblioteca, maior na rede privada; na rede estadual, familiares e professores influenciam em conjunto os alunos a ler e na rede privada os professores têm representatividade maior; o maior público leitor está nas escolas privadas. Os dados apresentados são necessários para que esteja em debate temas como a leitura, base para a formação e conscientização de um cidadão.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitores. Bibliotecas escolares.

SOUZA, Marcela Reinhardt de. **Formação de leitores escolares**: análise comparativa entre alunos da rede privada e pública estadual, dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC. 2015. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ABSTRACT

With this research, aimed realize a comparative analysis between the formation reader that students from private and state schools, of the first year of high school, had over elementary school. The specific objectives were to verify if the analyzed students have interest in reading and what kind of reading; point out how and influenced by whom, the students developed the practice of reading; verify the influence of the school library on the process of reader formation and identify the similarities and differences of reader formation process between students of private and state schools surveyed. The approach of this study was quantitative and qualitative and about their objectives was a descriptive research. To the research was selected the private and state schools located in the neighborhoods Ingleses do Rio Vermelho and São João do Rio Vermelho of the city of Florianópolis/SC, and it was apply questionnaires, containing twenty questions, with students, of each school, attending the first year of high school. The proposed objectives were achieved, concluding that students of both types of schools surveyed have many similarities in their reader formation and current behavior, such as the fact that they are primarily influenced to visit the library by teachers; acquiring books, particularly in the library; being influenced by teachers to read and consider themselves largely uninterested in reading. The main differences are in the number of students that during the elementary school attended the library, most on the private school; in the state system, family and teachers, together, influence students to read and in private schools teachers have greater representation; the largest readership is in private schools. The data presented are necessary to be in debate subjects like reading, base for formation and awareness of a citizen.

Keywords: Reading. Formation of readers. School libraries.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Gênero dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	46
GRÁFICO 2 – Idade dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	46
GRÁFICO 3 – Tipo de escola frequentada durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	47
GRÁFICO 4 – Existência de bibliotecas nas escolas frequentadas durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	48
GRÁFICO 5 – Frequência à biblioteca durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	48
GRÁFICO 6 – Quem os motivava os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, a visitar a biblioteca durante o Ensino Fundamental.	49
GRÁFICO 7 – Existência de alguém que ajudasse os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, nas escolhas das leituras.	50
GRÁFICO 8 – Quem orientava a leitura dos alunos respondentes nas bibliotecas das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, que recebiam alguma orientação.	51
GRÁFICO 9 – Como selecionavam os livros que liam os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, que não recebiam alguma orientação.	52
GRÁFICO 10 – O que leram durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	52
GRÁFICO 11 – Como adquiriam os livros que liam durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	54

GRÁFICO 12 – Quem influenciava a ler durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	55
GRÁFICO 13 – Tipo de suporte mais utilizado para leitura durante o Ensino Fundamental dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	56
GRÁFICO 14 – Média de livros lidos atualmente pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	57
GRÁFICO 15 – Nível atual de interesse pela leitura dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	59
GRÁFICO 16 – Tipo de leitura que mais atrai atualmente os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	60
GRÁFICO 17 – Sentimento quanto à sua habilidade de leitura dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	62
GRÁFICO 18 – Características que um livro deve ter para que os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, se interessem pela sua leitura.	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Informações adicionais que julgaram necessárias os alunos respondentes das escolas privadas dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.	64
QUADRO 2 – Informações adicionais que julgaram necessárias os alunos respondentes das escolas públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPAC – Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural

IFLA – Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNBE – Programa Nacional de Biblioteca na Escola

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1	LEITURA	15
2.2	FORMAÇÃO DE LEITORES	25
2.3	BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	34
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	77
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	79

1 INTRODUÇÃO

Por meio da leitura, o ser humano pode se transformar em um cidadão ciente de seus direitos e deveres e capaz de compreender as complexidades da vida em sociedade. A escrita permite que o conhecimento individual possa ser compartilhado por um número incontável de pessoas, por muito tempo. Assim, a formação de leitores competentes é um processo essencial para a evolução da sociedade e se desenvolve principalmente no meio escolar. A leitura possui uma função informativa e é também uma atividade de lazer que permite aos leitores satisfação e os auxilia na transmissão do conhecimento.

A formação de leitores ocorre de maneiras diferentes de acordo com o modo como a família lida com esta questão, com o modo como a escola, os professores e a biblioteca escolar trabalham a leitura, entre outros fatores. Essas singularidades fizeram surgir a seguinte questão de pesquisa: quais são as semelhanças e diferenças no processo de formação leitora de alunos de escolas privadas e públicas estaduais, durante o Ensino Fundamental, nos bairros Ingleses do Rio Vermelho e São João do Rio Vermelho na cidade de Florianópolis.

Uma vez que a leitura é um dos processos fundamentais para a formação de cidadãos, é importante identificar de que forma é realizada a formação leitora dos alunos durante o Ensino Fundamental. Acredita-se que em uma pesquisa, ao analisar-se as “[...] condições de letramento deve, inevitavelmente, eleger o espaço escolar e/ou das bibliotecas públicas como locais privilegiados de formação do leitor e do acesso aos textos” (LEITE; SCHMIDT, 2000, p. 7). Por este motivo, o espaço escolar foi escolhido para a realização deste trabalho.

Nesta pesquisa, tem-se a intenção de levantar as diferenças e semelhanças entre os alunos de escolas privadas e públicas em relação ao estímulo de leitura que receberam durante este período escolar e em relação aos tipos de leitores que se tornaram na adolescência. É necessário identificar quem são os responsáveis pela prática leitora dos alunos para propor, no futuro, atividades que intensifiquem o seu potencial.

É relevante saber de que forma os alunos estão sendo motivados a ler e identificar como ocorre este processo para auxiliar no trabalho dos bibliotecários escolares que precisam conhecer seu público alvo, crianças e adolescentes. Também é necessário identificar as diferenças entre as escolas privadas e públicas para utilizar como exemplo as ações bem sucedidas em ambos os grupos de escolas, para aplicá-las no outro.

Esta pesquisa é importante para se identificar o quanto e o que leem especificamente os estudantes do Ensino Médio. Destaca-se ainda por colaborar com a criação de projetos que visem o estímulo à leitura nas crianças e adolescentes de forma a desenvolverem

satisfatoriamente a prática leitora. Considera-se essa uma das práticas mais importantes para a formação dos cidadãos, e para tanto são necessários estudos sobre seus métodos e sobre a sua formação entre os estudantes.

Para o curso de Biblioteconomia, pesquisas deste tipo são necessárias para auxiliar no desenvolvimento dos futuros bibliotecários, que precisam conhecer seus futuros usuários e ter uma compreensão maior da atual realidade em que se encontram os alunos, e pensar de que forma irão colaborar para motivar o prazer da leitura nos estudantes. Pesquisas nesta área são úteis para o desenvolvimento dos profissionais de unidades de informação, que precisam se ambientar com as questões reais com que poderão se deparar no ambiente de trabalho, principalmente àqueles que trabalharão com biblioteca escolar ou com trabalhos relacionados à leitura.

Durante a docência da pesquisadora no Ensino Fundamental e Médio, foi possível perceber a importância que atividades de incentivo a leitura possuem na vida dos alunos e o quanto é relevante tratar deste tema, bem como o quanto é importante tratar de temas sociais para a área da biblioteconomia.

O objetivo geral deste trabalho foi realizar uma análise comparativa entre a formação leitora que os alunos de escolas privadas e estaduais do 1º ano do Ensino Médio tiveram ao longo do Ensino Fundamental. Este objetivo gerou os seguintes objetivos específicos:

- a) Verificar se os estudantes pesquisados têm interesse pela leitura e por quais tipos de leitura;
- b) apontar como e influenciados por quem, os alunos pesquisados desenvolveram a prática da leitura;
- c) verificar a influência da biblioteca escolar no processo de formação do leitor;
- d) identificar as semelhanças e diferenças do processo de formação leitora entre os alunos das escolas privadas e estaduais pesquisados.

Foram selecionadas as escolas da rede pública estadual e da rede privada localizadas nos bairros Ingleses do Rio Vermelho e São João do Rio Vermelho na cidade de Florianópolis/SC e aplicados questionários, contendo vinte questões, com os alunos que frequentam o primeiro ano do Ensino Médio de cada colégio. Participaram da pesquisa duas escolas da rede estadual e três da rede privada durante o mês de agosto de 2015.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentadas as referências teóricas que serviram de auxílio na compreensão do tema relacionado à leitura, à formação de leitores e às bibliotecas escolares.

2.1 LEITURA

A seguir, serão apresentados alguns conceitos a respeito de leitura, de acordo com a literatura da área, que converge na maioria das vezes em suas teorias que se complementam para compreensão do tema e destacam a importância da leitura para a sociedade e para os indivíduos.

No sentido literal da palavra, sem refletir suas especificações, leitura significa “ato ou efeito de ler” (FERREIRA, 2004, p. 1193). Mas, é possível fazer mais reflexões sobre seus significados de forma mais aprofundada, assim como Martins (1994) o faz ao conceituá-la como:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem [...] o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano (MARTINS, 1994, p. 30).

O autor segue conceituando leitura:

[...] decodificação mecânica de signos linguísticos [...], processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (MARTINS, 1994, p. 31).

Para Caldin (2010), a leitura é vista como o ato de decifrar o escrito, entender o conteúdo, interpretar o assunto, informar-se, viajar no imaginário, mas não estando só associada à escrita, já que as pessoas também leem gestos, olhares, paisagens, quadros etc.. A leitura, para a autora supracitada (2010, p.13), pode ser entendida como “[...] ato social, linguístico, pedagógico, terapêutico, psicológico, cognitivo, neurológico, fenomenológico, entre outros”.

Segundo Silva (1999), ler é interagir, produzir sentido, compreender e interpretar; e o leitor, a partir de seu repertório prévio de experiências, dialoga e interage com o texto recriando-o. Este mesmo autor (1987, p. 41), no livro *O ato de ler*, traz as seguintes definições: “leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural”; “ler é um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 1987, p. 45).

É possível ver a relação que a leitura possibilita entre o ser humano e a sociedade e como por meio dela o indivíduo é capaz de reconhecer seu papel social. Desenvolver a capacidade de ler exige interdisciplinaridade, é necessário muito tempo e atividades que estimulem o leitor a sentir prazer neste aprendizado. O tema também abordado por Silva (2006, p. 17) ao afirmar que “a leitura possibilita ao indivíduo a interação com os bens culturais, com a informação e conhecimento e promove sua interação com o meio social”. A leitura auxilia o indivíduo a viver em sociedade, principalmente em uma sociedade como a atual, baseada nas situações em que informação é poder.

Também Carvalho e Oliveira (2004, p. 1), defendem que ler é uma prática social e “[...] uma atividade que diz respeito a um processo discursivo, no qual se incluem os sujeitos produtores de sentido – autor e leitor”. A relação entre estes dois atores se dá por meio do texto escrito. A partir dele há o encontro entre a informação que o autor fornece e o conhecimento prévio do leitor que será ampliado formando um novo texto.

Essa questão também é trabalhada em Fleck e Pereira (2007, p. 287), quando as autoras afirmam que a leitura não é um processo isolado em uma relação direta e exclusiva apenas entre o leitor e o texto “pois vários outros fatores contribuem para a sua efetivação. [...] Pode-se inferir que bons leitores sejam capazes de influenciar de forma positiva na formação de novos leitores”. Deste modo, entende-se que quem gosta de ler e possui boa capacidade de leitura pode ajudar na formação de leitores e efetivação desses processos. Quando uma pessoa lê e demonstra o gosto que tem por este processo e por determinadas leituras, motiva quem está em seu convívio a ler também.

Sobre o conhecimento prévio do leitor, Pereira (1998) esclarece que se trata de informações anteriores fundamentadas em experiências de vida, baseadas em condições afetivas e cognitivas. Para a autora supracitada (1998, p. 36), as condições afetivas incluem “valores e crenças socioculturais dos leitores, com relação à escola e ao processo de aprendizagem” e as condições cognitivas referem-se “ao conhecimento da linguagem, das palavras, da estrutura de textos, bem como a compreensão da interação social da sala de aula”. A autora ainda destaca que não obstante a divisão, essas condições são interdependentes e influenciam na iniciativa do leitor em iniciar e continuar a leitura de um texto.

O conhecimento prévio, conforme descrito acima, auxilia na compreensão dos textos lidos e torna possível o diálogo entre o leitor e o texto lido.

O ponto referente à recriação do escrito é citado por Silva (1987, p. 96) ao explicar que “[...] leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura”. Com isso,

constata-se que não basta ler um texto, é necessário compreendê-lo e interpretá-lo para que ele seja realmente lido e alcance seus objetivos. Além disso, Jolibert (1994, p. 149) acrescenta:

Toda leitura é um questionamento de texto, isto é, uma elaboração ativa de significado feita pelo leitor a partir de indícios diversos, de acordo com o que está procurando num texto para responder a um de seus projetos.

A leitura permite que sejam desenvolvidas operações cognitivas, dedutivas e lógicas, tornando possível relacionar os pensamentos de diferentes pessoas, o confronto de ideias, a discussão de conceitos, a revisão de teorias, ampliando as descobertas e oferecendo a possibilidade de solucionar desde pequenos problemas do cotidiano até deparar grandes teorias que podem mudar o entendimento das coisas sobre o mundo (FLECK; PEREIRA, 2007).

A leitura admite o processo de aperfeiçoamento contínuo, quando o ser humano, não só absorve o conhecimento, mas transforma-o também, como afirma Caldin (2003). O leitor, a partir dos seus conhecimentos prévios, contribui para a complementação das informações trazidas pelo texto.

Quanto aos processos que envolvem a leitura, Kleiman (1989) considera-os complexos, uma vez que para fazer com que o texto lido tenha sentido é necessário trazer a mente diversas informações e aplicar o conhecimento prévio à nova situação lida, a fim de criar sentido na leitura. Toda a experiência pessoal anterior do leitor é usada quando um texto é lido para engajar as informações e realizar a interpretação e recriação do texto. Assim, se observa que leitura compreende “[...] um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar à compreensão” (KLEIMAN, 1989, p. 17). A leitura é uma atividade complexa, por isso são necessários tantos estudos para a sua compreensão e tantas atividades ao longo da vida escolar das crianças e adolescentes para que eles tenham uma boa formação neste sentido.

Há algumas teorias que dividem os leitores de acordo com seus tipos. Weber, Santos e Cruz (2014), afirmam que de leitores contemplativos, os indivíduos passaram a leitores imersivos em função dos avanços ocorridos nos últimos anos nas tecnologias e nas linguagens. Para as autoras, as gerações tecnológicas são acumuladas e uma não exclui a outra. De fato, um suporte não exclui o outro e a tecnologia deve ser usada em favor da leitura.

Rolla (1995 apud AGUIAR, 2011) em relatos de professores, obtidos durante a pesquisa de sua tese, chegou aos seguintes tipos de leitores: a) não leitor é aquele que lê periódicos para se informar de assuntos recentes, mas não lê um livro de ficção até o fim e

não os possui em casa; b) leitor apressado, lê para se informar de assuntos diversos como religião e política e lê raramente ou nunca um livro de ficção; c) leitor superficial, lê eventualmente e geralmente literatura de massa e conhece poucos escritores; d) leitor compulsivo é eclético, lê o que lhe aparece, possui espírito crítico e uma biblioteca em casa; e) leitor técnico, lê para os estudos, não lê livros literários porque a leitura científica lhe ocupa todo tempo; f) leitor escolar é o professor que lê para indicar obras literárias para os alunos; g) leitor profissional, lê para analisar os estilos e busca o valor estético das obras; h) leitor dileitante, lê por prazer autores consagrados e textos de consumo mais fácil, como histórias de amor, suspense. Haveria necessidade de avaliar o quesito “não leitor” definido pela autora. Ele não lê livros, mas lê outros itens, então poderia ser considerado não leitor de literatura, por exemplo. No entanto, é importante observar que as definições apresentadas datam de 1995 e a realidade de leitura mudou nestes últimos vinte anos com a popularização da internet.

Santaella (1998) fez uma divisão diferente dos tipos de leitores, classificando-os em três categorias, de acordo com as habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas envolvidas nos processos e no ato de ler. São eles: a) leitor contemplativo, meditativo; b) leitor fragmentado, movente; c) leitor virtual. Para a autora, o leitor contemplativo lê o que está no papel e nas telas dos quadros; é um leitor sem pressa, que se dedica aos livros impressos, às pinturas, às gravuras, partituras. O leitor fragmentado é apressado, fugaz, com memória curta e ágil e que surgiu com o advento dos jornais e que lê os fragmentos, as tiras dos jornais. E, por último, a autora acima citada (1998, p. 3) explica que o leitor virtual navega na tela, lê diversos tipos de signos, “trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópico tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão”. A definição de Santaella (1998) é mais abrangente do que a visão de Rolla (1995 apud AGUIAR, 2011), pois inclui o leitor virtual e considera textos rápidos também como leitura.

Além dos leitores, há também teorias sobre os tipos de leitura que, segundo Silva (2010), podem ser: mecânica, em que há mera decodificação dos signos que estruturam o texto; e compreensiva, que objetiva as ideias do discurso exposto com a escrita.

Aguiar em seu artigo “A formação do leitor”, publicado em 2011, divide as possíveis idades de leitura: a) pré-leitura: é o período preparatório para a alfabetização; nele a criança aprende a construir símbolos e desenvolver a linguagem oral; b) leitura compreensiva: ocorre durante o período de alfabetização (2º e 3º ano) quando a criança aprende a decifrar o código escrito; c) leitura interpretativa (4º ao 6º ano): o aluno adquire fluência no ato de ler e passa a interpretar o que lê; d) iniciação à leitura crítica (7º e 8º ano): as habilidades críticas estão

mais desenvolvidas, além de interpretar o que lê, o leitor se posiciona diante do texto; e) leitura crítica (do 9º ano ao Ensino Médio) ocorre quando o aluno elabora juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos. A autora ainda acrescenta que na fase adulta, seguem-se idades de leitura que variam de acordo com o nível de maturidade e a experiência de vida, obedecendo a fatores como profissão, religião, ambiente cultural e outros.

Um objeto de análise interessante seria averiguar se essas idades apontadas são a realidade encontrada atualmente nas escolas brasileiras, se são objetivos dos professores ou se efetivamente os alunos estão acompanhando e evoluindo nessas idades.

Para desenvolver a leitura de acordo com os objetivos de cada leitor, foram criados alguns métodos. Perissé (2006) descreve alguns dos quais considera mais correntes. São eles: a) método dedutivo: leitura feita para confirmar uma hipótese prévia; b) método indutivo: o leitor busca leis gerais, anseia por explicações definitivas e deseja encontrar a síntese que dê conta da experiência concreta; c) método hermenêutico - leitura interpretativa: o leitor busca compreender o texto; d) método comparativo: o leitor lê dois ou mais textos e busca comparações entre eles; e) método genético: busca o início gerador do texto, procura entender quando, por que e como o texto foi escrito; f) método funcional: volta-se para os desdobramentos após a publicação do texto; g) método lúdico-ambiental¹: trata-se da proposta de se ler criativamente a partir de uma leitura interpretativa em que o leitor recria o texto que lê. Perissé (2006) também descreve que há a leitura prazerosa, aquela despreziosa que talvez não se encaixe bem nos métodos acima descritos, que não é erudita, não deduz, não interpreta e não teoriza, como exemplo de se ler um romance pelo simples prazer de ler um romance.

O fato de conseguir ler e escrever não faz de uma pessoa um leitor competente. Aguiar (2011, p. 114-115) definiu critérios que caracterizam esta competência na leitura. A seguir, serão apresentados alguns destes parâmetros:

[...] saber buscar textos de acordo com seu horizonte de expectativas [...]; conhecer os locais em que os livros e os demais materiais de leitura se encontram [...]; frequentar os espaços mediadores de leitura [...]; localizar dados na obra [...]; reconhecer a estrutura que o texto apresenta, preenchendo as posições tematicamente vazias, segundo sua maturidade de leitura e de mundo; ser capaz de dialogar com os novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles [...]; trocar impressões e informações com outros leitores [...]; integrar-se a grupos de leitores [...]; conhecer e posicionar-se diante da crítica [...] dos livros e outros materiais escolhidos para leitura; ser receptivo a novos textos [...]; dar-se conta, por meio da conscientização, do que acontece no processo de leitura, de seu crescimento enquanto leitor e ser humano.

¹ Método criado por Alfonso López Quintá que une conceitos de “âmbito” e “lúdico”. Quando o leitor dialoga com o texto cria-se um espaço de colaboração e liberdade, funda-se um âmbito. (PERISSÉ, 2012).

Ademais, a leitura não é apenas atividade informativa, mas também deve ser prazerosa. Neste sentido, Berenblum (2006, p. 23) afirma que “basicamente a leitura engloba duas dimensões distintas, complementares e decisivas para a formação do pensamento autônomo: a fruitiva e a informativa”. Não basta se informar com os textos, é necessário que exista uma relação prazerosa com a leitura para que seja realizada continuamente e de forma positiva.

Mello (1994, p. 70) também acrescenta que além de informativa a leitura deve ser prazerosa:

Do ponto de vista individual, a leitura pode ser vista como meio de informação, uma prática que dá acesso aos acontecimentos do cotidiano; como meio de aquisição do saber, tomando-se a leitura como instrumento de pesquisa e estudo e, finalmente, como fonte de prazer [...].

Sobre a importância do prazer que deve estar envolvido no necessário processo de leitura para um ser social, Carvalho e Oliveira (2004, p. 2), apresentam a seguinte concepção:

[...] acredita-se que a prática de leitura só acontece quando é motivada pela necessidade e pelo prazer. Ler é necessário porque o leitor é um ser social que não sobrevive sem obter informações, construir algo, desenvolver um projeto, interagir-se do que existe fora de si e de repente se descobrir. Ler é prazeroso porque é uma atividade lúdica que nutre e estimula o imaginário, diverte e desenvolve o espírito, desperta sensações e a criticidade.

O leitor precisa sentir encanto em ler e ter liberdade para ler da forma que melhor lhe convém e foi neste sentido que Pennac (2008) publicou o que chamou de “direitos do leitor”, são eles: a) o direito de não ler; b) o direito de pular páginas; c) o direito de não terminar um livro; d) o direito de reler; e) o direito de ler qualquer coisa; f) o direito ao bovarismo²; g) o direito de ler em qualquer lugar; h) o direito de ler uma frase aqui e outra ali; i) o direito de ler em voz alta; j) o direito de se calar.

A leitura feita com vontade atinge da melhor forma os seus objetivos e mais profundamente o seu leitor. Neste sentido, Perissé (2006, p. 75) afirma que o “prazer de uma leitura criativa, não meramente receptiva, é mais duradouro. Refiro-me ao prazer da leitura intensificado pelo exercício voluntário da imaginação, da memória, da inteligência”. O gosto pela leitura é fundamental para que seja feita com estes critérios, os quais permitem ao leitor a possibilidade de ser uma pessoa questionadora, porque “a leitura é um valor. Quem lê situa-se socialmente como alguém que está disposto a perguntar inesgotavelmente” (PERISSÉ, 2006, p. 75-76). Os resultados dessas leituras questionadoras facilitam “o posicionamento do

² Bovarismo: “Inclinação romanesca para emprestar a si mesmo uma personalidade fictícia ou sofisticada, que se aparta da verdadeira natureza. Em sentido lato, ilusões que sobre si próprios nutrem os homens e os povos” (DICIONÁRIO).

homem numa condição especial [...] são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento" (SILVA, 1987, p. 38).

Os autores citados demonstram que é indiscutível a necessidade de incitar o gosto pela leitura em todas as pessoas. Quem lê por obrigação e não é estimulado devidamente, tem grandes chances de nunca se tornar um leitor, não porque não gosta de ler, mas porque ainda não descobriu que gosta de ler.

Aguiar (1994, p. 103), afirma que inicialmente o ato de ler é solitário, mas esta atividade pode ser socializada “quando o leitor traz para o seu mundo os sentidos percebidos e coletiviza a leitura no debate com o grupo e na criação de outras formas expressivas”. Desta forma observa-se que quando a leitura é um ato compartilhado com mais de um leitor, as reflexões surgidas são maiores e podem atingir níveis ainda mais complexos de questionamento. Martins (1994, p. 33) corrobora com este pensamento ao citar que “[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido - seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma linguagem, um acontecimento”. O autor destaca a importância de se perceber que não só textos escritos são objetos que podem ser lidos e para ele “[...] seria contrassenso insistir na importância do hábito de ler restringindo-o aos livros” (MARTINS, 1994, p.28). A interação entre o objeto lido e o leitor é essencial para que a leitura se desenvolva de forma mais completa e reflexiva.

A partir da literatura da área vemos que “[...] a leitura tem um papel decisivo na vida dos indivíduos, uma vez que se constitui, ainda, o principal meio de informação, aprendizagem e construção do conhecimento e participação social” (FURTADO; OLIVEIRA, 2010, p. 14). É um dos processos básicos para os seres humanos adquirirem novos conhecimentos, receberem informações e conseguirem interagir socialmente (ALVES, 2009). É uma atividade intelectual e influenciada pelo contexto social, cultural, cognitivo e emocional do indivíduo (FURTADO; OLIVEIRA, 2011). Segundo Martins (1994), é a partir do nosso contexto social que aprendemos a ler. O conhecimento e as experiências prévias auxiliam os indivíduos na compreensão dos signos envolvidos nas palavras e nos significados dos textos. Deve acrescentar novas experiências àquelas já vividas pelo leitor, deve reformular ideias já existentes e fazendo parte do seu contexto, permitir-lhe aprender e reaprender (BECKER; GROSCH, 2008).

Para a sociedade, a leitura é tão importante que Caldin (2003) a considera uma conquista da humanidade. E esta conclusão é adequada, uma vez que, graças ao desenvolvimento da escrita, a comunicação atingiu o patamar atual em que é possível a

preservação das informações sem que se dependa exclusivamente da oralidade. Neste sentido, Ferreira (2010, p. 23) afirma que:

[...] a leitura é fundamental para a plena realização da nossa condição humana e da nossa capacidade de entender o mundo. É também condicionante para a promoção de valores democráticos, porque é base para uma cultura do discernimento e do diálogo, tanto individual como coletivo.

É preciso questionar a leitura como fundamento para a plena realização da condição humana, como descrito na citação acima, uma vez que existem diversas sociedades e nem todas são leitoras e nem por isso são menos humanas. Com certeza a leitura é base para a democracia e cidadania em uma sociedade como a que vivemos.

Berenblum (2006, p. 23) afirma que a leitura não deve ser desenvolvida e estimulada apenas no ambiente escolar, pois não é prática restrita deste espaço, uma vez que é uma prática sociocultural e “deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais”. No entanto, um dos principais locais no qual a leitura deve ser estimulada é nas bibliotecas, que para Becker e Grosch (2008, p. 36) “assumem papel fundamental ao possibilitar as pessoas o acesso à leitura, através do seu acervo e, mais precisamente, por meio daqueles que são a mais fiel tradução do conhecimento disponibilizado no mundo: os livros”.

Ainda que a escola não seja o único local em que a leitura deve ser trabalhada e estimulada, é um dos espaços em que é fundamental a sua prática e muitas vezes o espaço em que a criança passa a ter contato com os livros pela primeira vez. Segundo Pereira (1998, p. 33), na escola a leitura assume papel importante na introdução no mundo das letras durante a alfabetização, e no decorrer dos anos escolares, quando “a necessidade da leitura vai se acentuando, considerando que os livros e outras formas gráficas são utilizados como instrumento básico para as atividades de ensino-aprendizagem”.

Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 414), ressaltam a importância de ações que busquem unificar as atividades de leitura com as finalidades terapêuticas e recreacionais, pois indicam que a Biblioterapia³:

[...] aplicada com crianças é uma excelente forma de despertar o gosto pela leitura mesmo antes da alfabetização. As atividades biblioterapêuticas, além de serem estimuladoras da leitura, facilitam a socialização em grupo, propiciam momentos que desinibem as demonstrações de afeto e solicitações de ajuda para determinados males e anseios.

Observa-se que a Biblioterapia pode ser utilizada como mais uma forma de estimular a leitura entre as pessoas, além de trazer outros benefícios para quem dela participa, como os citados acima.

³ Terapia por meio de livros.

Além da escola, a família possui um papel muito importante para o estímulo da leitura. Jolibert (1994) exemplificou que também é importante os pais lerem histórias para os seus filhos ou simplesmente folhearem um álbum de literatura infantil com eles, ajudando-os a explorar o imaginário, questionando o que irá ocorrer na próxima página. Assim, desde a primeira infância as crianças associarão a leitura a uma coisa boa, que traz benefícios, divertem-nos e os aproximam daqueles a quem amam. Além destes fatores, “a aprendizagem da leitura possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores da sociedade [...] se caracteriza como sendo uma atividade de questionamento, conscientização e libertação” (CALDIN, 2003, p. 52). A leitura pode aproximar as famílias e as tornarem mais participativas na sociedade e conscientes de seus papéis sociais. A colaboração das famílias na educação dos filhos é fundamental e sua participação não pode deixar de existir, para benefícios da própria família e das crianças.

No Brasil, Aguiar (2011) explica como se deu o processo de transformação da tradição oral em tradição escrita, a partir do final do século XIX, quando para entrar no compasso da modernidade, o país se viu obrigado a abrir espaço para os livros e materiais escritos em geral. A maioria dos brasileiros não sabia ler e escrever naquele momento, assim este processo estava identificado com as elites, as quais tinham mais condições de seguir adiante com os estudos. A autora supracitada esclarece que foi durante a entrada de levas de imigrantes europeus, após a abolição da escravatura, que o crescimento urbano se deu no país e com ele surgiu um público consumidor de livros. A autora acrescenta que com uma nacionalidade a ser construída, as obras literárias passaram a representar os segmentos mais significativos do país, no qual se começava um processo de consolidação da identidade nacional. Segundo a autora, no Brasil, passa-se da oralidade para a sociedade de massa sem que a população tenha acesso real aos livros, não se adapta rapidamente à necessidade do uso do material escrito já que o prazer literário não faz parte das melhores modalidades de diversão entre o povo.

De acordo com as informações de Aguiar (2011), é possível notar que a dificuldade em trabalhar a questão da leitura no Brasil é histórica. Ampliam o debate Rosa e Oddone (2006, p. 185) ao afirmarem que:

Transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa fácil, sobretudo no contexto da sociedade da informação, no qual novos suportes informacionais direcionam as políticas não apenas para as práticas leitoras e para a alfabetização cidadã, mas principalmente para o domínio das novas tecnologias, muitas vezes distantes da formação do cidadão leitor e apenas instrumentalizadoras de habilidades primárias que têm como objetivo incluir o cidadão nessa sociedade.

Há uma deficiência na formação de leitores, provavelmente por diversos motivos, entre eles o desinteresse em tornar o povo brasileiro em povo verdadeiramente cidadão. Como visto anteriormente, saber ler e escrever não é suficiente para ser um cidadão, é preciso leitores competentes, questionadores e críticos.

Uma vez que a “[...] a leitura se configura como um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem [...] é, portanto, um ato social, e como tal, uma questão pública” (CALDIN, 2003, p.47). Por isso, há necessidade de políticas públicas que visem o incentivo à formação de leitores reflexivos e para que não se tenha mais no Brasil analfabetos funcionais – pessoas capazes de ler, mas incapazes de compreender um texto simples. Caldin (2003, p. 51) também destaca a função social da literatura que “é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionados pela leitura”. Para Silva (2010, p. 15) “[...] é um importante instrumento para a emancipação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade”. Mais uma vez, se vê o quanto é indiscutível a importância da leitura para a formação do cidadão e de uma sociedade justa.

Lucas, Caldin e Silva (2006) consideram que em um país como o Brasil, o qual sofre diversos problemas pela falta de investimentos na educação e onde o preço dos livros ainda não é totalmente acessível à população, os bibliotecários são profissionais extremamente importantes para auxiliar na mudança dessa realidade. Para as autoras, exercer o seu papel social é o ápice para os bibliotecários. E de fato, se o Brasil precisa de leitores competentes, os bibliotecários precisam entrar em campo junto aos de mais formadores de leitores (como a família e os professores) e criar projetos eficazes.

Chagas (2009, p. 14-15) crê haver um consenso na ideia de que aqueles os quais detêm a informação têm o poder e neste sentido afirma:

[...] pessoas informadas de seus direitos como cidadãs conseguem exigir maior consideração por parte dos governantes [...]. Profissionais bem informados exercem melhor suas funções, atingindo de forma mais eficiente seus objetivos [...] Para que tenham acesso às informações e ao conhecimento, os indivíduos precisam dominar o processo de leitura.

Hillesheim e Fachin (2003, p. 1) contribuem com o debate ao citarem que a capacidade de ler é essencial para a realização profissional e individual do ser humano e, para que isso ocorra, o gosto pela leitura precisa ser trabalhado “desde a infância envolvendo os diversos tipos de leitura, seja em sua educação nata (em casa) ou no contínuo aprender (na escola, no trabalho e por toda a vida)”.

A importância política do ato de ler é destacada por Silva (2010, p. 53), quando o autor diz:

[...] ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância. [...] a pessoa que sabe ler e que executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles, lutar contra eles. Mais especificamente, o ato de ler constitui um instrumento de luta contra a dominação.

A revisão da literatura a respeito do tema da leitura mostra que são inúmeras e inquestionáveis as vantagens que este ato traz para o ser humano. A leitura auxilia para o fim da ignorância do indivíduo sobre diversos aspectos, auxilia-os a se tornarem pessoas melhores, mais felizes e com menos chances de serem exploradas pelas classes dominantes, por não terem informação.

Diversos autores pesquisam sobre leitura e a apresentam como componente importante para a sociedade, apenas são questionáveis discursos que a colocam como primordial para a condição humana, como Ferreira (2010) o faz. Uma vez que se pode considerar a leitura um item primordial para a condição cidadã e não humana.

2.2 FORMAÇÃO DE LEITORES

Uma das atividades que deve ser incentivada durante o período em que as crianças e os adolescentes estão na escola é o desenvolvimento da prática de leitura. Nesta seção, será abordado o tema da formação de leitores escolares.

Para Carvalho (2003, p. 21), é inquestionável a importância da leitura no processo educativo e essa “certeza une pais e professores na convicção de que ler é bom e que, portanto, a criança deve aprender a gostar de ler”. Este é um ponto fundamental ao se trabalhar com a formação de leitores, como fazer com que uma pessoa tenha prazer em ler, leia por conta própria e seja um leitor questionador que interprete o que lê e que seja crítico.

Foi nos anos de 1970, que surgiram estudos mais profundos a respeito da variedade de conceitos relacionados sobre a natureza dos sistemas de escrita e leitura das crianças, como afirma Goodman (1995). A autora explica que muitos pesquisadores se perguntaram sobre como as crianças passam a conhecer a linguagem escrita e apuraram suas respostas com coletas de informações e observações de experiências domésticas e escolares, enquanto outros coletaram dados com estudos experimentais.

Para Goodman (1995), a alfabetização ocorre em três níveis: primeiro - as crianças procuram critérios para diferenciar o desenho da escrita, analisam como as letras se

organizam para representar objetos; segundo - há controle progressivo sobre características qualitativas (a diferença entre as letras de uma palavra) e quantitativas (quantidade de letras de uma palavra), as crianças começam a buscar significados para os grupos de letras que representam cada um, um objeto; terceiro - corresponde à “fonetização” da representação escrita, a criança compreende que determinadas cadeias de letras são necessárias para dizer seu nome.

Furtado e Oliveira (2010) afirmam que a escola é uma das grandes responsáveis pela prática e gosto pela leitura literária. Dessa forma, cabe à mesma o incentivo aos alunos, desde as séries iniciais, com estratégias inovadoras e que motivem este processo. Quanto mais interessante este processo for para o aluno, mais ele vai estar motivado a ler e buscar novos livros sempre. Ter uma motivação oriunda dos professores faz com que a leitura seja praticada com prazer pelos alunos.

Neste sentido, Alves (2009) destaca que a escola deve apoiar os professores para que eles tenham livros disponíveis, um ambiente adequado de leitura na escola e tempo destinado a esta atividade. A autora segue enfatizando que uma das atividades de educação a ser direcionada pela escola deve ser a leitura e que “o tempo deve ser administrado [...] para que a leitura não seja sufocada por muitas outras atividades existentes – cursos, aulas extras, etc.” (ALVES, 2009, p. 9).

Os currículos escolares exigem que os professores repassem tanto conteúdo aos seus alunos, que muitas vezes eles se esquecem de que devem ter certa flexibilidade e fazer escolhas. E que preparar seus alunos para a vida em sociedade e para o exercício de sua cidadania é algo muito relevante também.

A leitura possui grande importância social, como visto na seção anterior. Mas, segundo Foina (1994), muitas vezes, as crianças provenientes de famílias nas quais o uso da leitura e da escrita é pequeno ou inexistente, não têm consciência do que realmente é a leitura e a escrita e repetem o que as famílias lhes dizem, que elas vão à escola para ler e escrever. Essa afirmação é simplista diante da complexidade de conhecimentos que a escola e a leitura permitem ao ser humano.

Para a formação e educação do leitor são necessários:

[...] além de um acervo diversificado de textos, professores teoricamente aparelhados não só para colocar à disposição dos alunos obras de valor estético, como também para transformar a sala de aula em um espaço de leitura que instigue a exploração dos múltiplos sentidos dos textos, o confronto de interpretações, a relação do ficcional com o real, de a fazer da leitura uma experiência significativa e prazerosa (MELLO, 1994, p. 72).

Mais uma vez a importância em explorar o prazer pela leitura é citada por outros autores. É preciso que os formadores de leitores tenham consciência dessa importância.

Caldeira (2003) também concorda com este debate e afirma que muitas pesquisas mostram que o leitor deve se sentir próximo do texto lido para incrementar o gosto pela leitura, e pode ser mais estimulado ainda a partir de programas de leitura nas escolas com materiais apropriados. Silva (2010) afirma que o gosto pela leitura vai depender do circuito educativo em torno dos livros e todos os envolvidos no processo – que para o autor se inclui pais, bibliotecários e professores – precisam viver na prática o prazer envolvido nesse ato. Percebe-se que uma pessoa que gosta de ler tem capacidade maior de formar um novo leitor do que aquela que não possui este gosto.

A leitura não se desenvolve apenas com o texto escrito e observar o tipo de leitura que estimula o leitor é uma maneira de motivá-lo a ler, uma vez que:

No sentido lato, a leitura deve - e pode - ser feita em variados suportes, assim como a partir de variados códigos, o que significa dizer que o acesso de alunos a práticas culturais e sociais como cinema, música, teatro, dança, pintura, fotografia, além da literatura, é, não somente desejável, mas indispensável para o domínio da complexidade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea. Para isso, há que incentivar e respeitar a opção do aluno por determinada forma de manifestação artística, sem impor aquelas que, equivocadamente, são consideradas de maior prestígio (BERENBLUM, 2006, p. 23-24).

Assim, percebe-se que a opinião e o gosto pessoal do aluno devem ser levados em consideração nos projetos de leitura para que seja mais fácil formar leitores.

Antes da ação dos professores na formação de leitores escolares, o ideal seria que os familiares fossem “os primeiros mediadores de leitura” (SILVA, 2006, p. 14). No entanto,

Se a família não tem condições de cumprir a tarefa de mediar a leitura, as escolas, de maneira precária ou de forma enriquecida, tentam fazer esta mediação. Assim, o professor está encarregado compulsoriamente de aproximar o educando da leitura. É fundamental que ele faça esta mediação, apresentando a leitura como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa (SILVA, 2006, p. 15).

Araújo e Sales (2011) concordam que os formadores de leitores não devem estar só no ambiente escolar, mas também no ambiente familiar e cita que os pais devem possibilitar o primeiro contato da criança com o livro. As autoras ainda afirmam que depois disso, os professores a alfabetizarão e mostrarão as inúmeras possibilidades de leitura e ao mesmo tempo deve existir a figura do bibliotecário para instruir a criança no uso das fontes de informação, e junto com os professores mediar o acesso ao livro e incentivarem o gosto pela leitura.

O processo de formação de leitores não requer apenas bibliotecas, mas como destaca Silva (2006), também demanda mediadores, pessoas que intermediarão os processos entre a

escola e a biblioteca e aproximarão os alunos do acesso à leitura. E ser mediador não é tarefa fácil; este tem que se preparar de forma continuada “para o confronto sempre renovado com a criança e o jovem através da literatura, sem cobranças mecânicas de compreensão do texto lido e sem fórmulas rígidas de indicação por idade” (CARVALHO, 2003, p. 23). Silva (2006) acrescenta que o mediador deve ser leitor, deve ter compromisso com o trabalho de leitura e flexibilidade nas suas relações com a comunidade em que atua, além de buscar sempre embasamento pedagógico e estar em sintonia com o desenvolvimento pedagógico da escola.

Acrescenta-se ainda que “[...] no cerne do incentivo à leitura, está a formação do mediador, e este, no desempenho de suas atividades” (SILVA, 2006, p. 16). O mediador deve estar preparado para desenvolver suas atividades, que são de suma importância para uma formação de leitores críticos. Silva (2006, p. 172) prossegue citando que:

A mediação da leitura na escola está vinculada diretamente ao texto literário. A literatura na escola, ainda mais que a leitura não-literária, exigirá um professor mediador que conheça os meandros para se formar leitor e, ao mesmo tempo, não ignore de modo geral o conceito de texto artístico, a especificidade do texto literário, a função da literatura.

Antes de haver a formação de leitores, é preciso que se trabalhe com a formação dos mediadores de leitura. Porque eles são peças chave em todo o processo.

A pesquisa realizada pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) com bibliotecários e responsáveis por estes espaços sobre a leitura e as bibliotecas nas escolas públicas brasileiras, divulgada em 2008, apontou que de modo geral os entrevistados verificaram:

[...] estudantes que mais frequentavam a biblioteca eram aqueles incentivados pela família e pelos professores. Relataram que incentivavam a leitura dos estudantes divulgando uma listagem dos que mais liam na escola. Desse modo, os demais ficavam curiosos e mobilizados na disputa por saber quem leu mais (BRASIL, 2008, p. 91).

No entanto, Carvalho (2003, p. 21) observa que “[...] os esforços, tanto da escola quanto dos programas governamentais, de incentivo à leitura, não têm, de maneira geral, conseguido transformar a criança e o jovem que leem em leitores críticos”. Além desta dificuldade apresentada no Brasil, Silva (2006) entende que a importância da biblioteca escolar na formação de leitores permanece apenas no discurso e que seu uso incorporado ao sistema educacional é apenas um mito, pois nem todos os estabelecimentos educacionais possuem bibliotecas e quando possuem é raro funcionarem de modo satisfatório.

Ao encontro do pensamento de Carvalho (2003) e Silva (2006), está o resultado da pesquisa do PNBE ao constatar que “praticamente nenhuma escola apresentou um projeto pedagógico em que a leitura e a biblioteca fossem centrais para o processo de aprendizagem

dos estudantes” (BRASIL, 2008, p. 100). Não só as bibliotecas são deixadas de lado dentro do processo educacional, mas a formação de leitores também não é tema central nas escolas. Assim, a formação de leitores é uma lacuna não preenchida na educação dos alunos, mesmo hoje quando sabemos que:

[...] a escola e a biblioteca têm um papel reforçado no sentido de quebrar a reprodução social de ausência de rotinas cognitivas e sociais associadas à leitura e incentivar as crianças para serem agentes de mudança, na introdução da leitura e da literatura na rotina da família e da comunidade (FURTADO; OLIVEIRA, 2010, p. 15).

Uma forma de desenvolver a aproximação entre os alunos e a leitura, para Caldeira (2003) é a partir da criação de acervos de livros dentro da sala de aula, o que, para o autor, estimularia ainda mais a leitura devido à proximidade dos livros com os alunos. O que é necessário são ações que tragam resultados positivos para a formação leitora dos alunos e que os tornem efetivamente capazes de interpretar e refletir sobre o que leem. Silva (2011, p. 8) destaca que não há necessidade apenas de espaços para acomodar os livros, mas é preciso que se tenham espaços de leitura e de leitores, os quais “podem fazer desses lugares ocasiões de refúgio e de encontro. De organização de comunidade de leitores, numa configuração capaz de dialogar com a vida contemporânea”.

Assim como foi feito no projeto interdisciplinar para unir biblioteca e escola, sob a orientação de Graça Maria Fragoso, na década de 1990, é necessário transformar a biblioteca em um espaço de convivência social e acabar com a imagem do bibliotecário escolar de “guardião dos livros”. Neste projeto, com alunos e professores dos Ensinos Fundamental e Médio de uma escola da rede particular de Belo Horizonte, houve o objetivo de “aproximar o aluno do fazer literário proporcionando questionamentos, críticas e análise das várias leituras individuais, discutindo os universos” (FRAGOSO, 1994, p. 29). Após a leitura de livros, eram desenvolvidas atividades e dinâmicas em grupo, em disciplinas como Literatura, Ensino Religioso, Educação Física e Filosofia, baseadas no que o livro trouxera em sua história. Os alunos escreveram artigos, os quais foram publicados no Boletim da Biblioteca, com suas opiniões sobre a experiência.

Fragoso (1994) relata que este projeto teve alcances e limites. Como alcance, houve a desmitificação da biblioteca e resgate da identidade e do espaço ocupado pelo bibliotecário; afirmação de disciplinas frágeis no sistema de ensino, como Filosofia e Ensino Religioso; possibilitou o desenvolvimento crítico, analítico, reflexivo, afetivo e físico dos alunos e a integração de alunos de diferentes faixas etárias; integração, embora lenta, entre os professores e o rompimento de barreiras da instituição, tendo este projeto sido apresentado em

Congressos, encontros entre professores em diversos estados etc.. Fragoso (1994, p. 50) cita que os “limites foram consequências da própria estrutura do projeto: um projeto novo, arrojado e incomum”. Com este exemplo, vê-se que com projetos contendo objetivos bem estabelecidos, com a força de vontade de um grupo de pessoas é possível realizar projetos de leitura que transformem os alunos em leitores críticos.

É preciso cuidado para as tentativas de estímulo à leitura não terem efeito oposto e venham a intimidar os alunos. Kleiman (1989) lembra que muitas vezes as práticas de leitura em sala de aula são inibidoras, como a avaliação da leitura em voz alta, boa para mensurar o entendimento de regras ortográficas, sinais de pontuação, evidências de entonação, mas se o interesse for na capacidade de compreensão de texto não é a melhor forma, pois a criança fica preocupada com a pronúncia e decodificação das palavras e não interpreta o que lê. A autora ainda comenta que a leitura silenciosa permite ao leitor envolvimento total na busca de significados para o que lê, podendo fazer regressões no texto ou releituras que forem necessárias.

Yunes (1994) cita fatores determinantes para o afastamento entre o leitor e o livro e a leitura, alguns deles são: iniciação equivocada; pela situação do livro e da leitura no sistema educativo; pela ideia (falsa) de que o lugar da leitura é na escola. A fim de reverter este quadro, Yunes (1994) sugere alguns itens: capacitar os agentes de leitura; multiplicar e dinamizar os espaços de leitura, como bibliotecas; reformular a metodologia de difusão da leitura nas salas de aula e estender essa prática a todos os campos de interação social.

Observa-se que muitos são os elementos que podem fazer com que as pessoas se afastem da leitura. Por esta razão, Alves (2009, p. 8) julga que:

[...] faz-se necessário o estudo das razões que podem estar vinculadas à falta de interesse pela leitura e os hábitos dos nossos leitores. Ler significa mais conhecimento, mais informação, capacidade argumentativa ampliada e desenvolvimento do raciocínio. Também resulta em um escrever e expressar-se bem. Mas ler requer esforço, tempo e motivação, razão para muitas dificuldades.

Bem como Alves (2009) salienta, ler exige dedicação, parar tudo o que se está fazendo e ler. E a sociedade atual, cada vez mais veloz, dificulta este processo e é possível que se deixe de ler por falta de tempo ou capacidade de concentração.

Pesquisas do ano 2000 indicaram que “os brasileiros com mais instrução, capazes de compreender o texto escrito, leem bastante [...]” (BERENBLUM, 2006, p. 15), o que vai de encontro com a ideia de que o brasileiro lê pouco. Com isso, são necessários novos estudos a respeito do quanto o brasileiro lê efetivamente e também é necessário reverter a crença de que os brasileiros não leem para que se sintam estimulados a desenvolver esta prática. O estigma

de que o brasileiro lê pouco precisa ser eliminado e a autoestima precisa ser trabalhada neste quesito.

Maués (2002) também considera que os brasileiros leem pouco e descreve que problemas econômicos, sociais, de acesso ao livro – já que existem poucas e precárias bibliotecas – e fatores culturais – como baixos índices de escolaridade e má qualidade da educação – fazem com que muitos brasileiros tenham dificuldade em ler e considerem a leitura um estorvo ou um desafio quase insuperável.

Berenblum (2006) relata que, para obter subsídios na implementação de uma política nacional de formação de leitores, o Ministério da Educação realizou uma Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola. A pesquisa foi desenvolvida em 2005 pela Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural - ALPAC, em 196 escolas de Ensino Fundamental, de dezenove municípios de oito estados brasileiros. A autora segue narrando que segundo esta pesquisa, o livro da biblioteca escolar ainda não é concebido com intimidade; os projetos de leitura não estão conectados com a biblioteca escolar e esta é vista ainda como depósito de livros; na maioria das escolas a biblioteca não possui local adequado; quase não existem bibliotecários de formação atuando; não existe uma política de formação de leitores e de esclarecimentos suficientes aos professores sobre a utilização de acervos literários.

O estudo citado contempla uma visão pessimista e demonstra que há muitas falhas ainda no sistema para formação de leitores no Brasil. Sem melhorias significativas reverter este quadro se torna difícil.

Para reverter-lo, segundo Maués (2002), é preciso dar mais destaque aos debates sobre como superar a situação de exclusão da leitura, envolvendo governos, setores privados, autores e profissionais do livro, professores, escolas, universidades, imprensa e toda a sociedade.

No Brasil, foram desenvolvidas diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no país que recebeu o título de Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Haddad (2010), Ministro da Educação em 2010, em seu texto publicado no documento referente ao PNLL explica que esta é uma iniciativa que visa mapear as ações de leitura em curso no Brasil e conta com esforços dos Ministérios da Educação e da Cultura e de instituições comprometidas com a promoção do livro e da leitura. Segundo essas diretrizes, para que se tenha um número expressivo de leitores em um país é necessário que existam famílias leitoras, escolas que saibam formar leitores e múltiplas estratégias e recursos (MARQUES NETO, 2010).

Berenblum (2006, p. 24) ainda enfatiza que para se construir políticas de formação de leitores deve-se estabelecer “um binômio entre leitura e escrita, em que esta última não pode - e nem deve - ser considerada menor do que a primeira”. Constata-se que uma atividade contribui para o desenvolvimento da outra, quem tem domínio sobre a leitura possui mais facilidade também sobre a escrita.

As atividades de incentivo à leitura devem considerar que “os jovens vivem em uma sociedade caracterizada pelo uso constante de recursos digitais” (WEBER; SANTOS; CRUZ, 2014, p. 68). Assim, essas atividades devem ser programadas considerando as necessidades de uma geração que vem se modificando ao longo dos anos e utilizando cada vez mais os recursos digitais. Furtado e Oliveira (2011) também acreditam que além das atividades lúdicas os recursos tecnológicos – com a utilização de textos digitais, além dos impressos, por exemplo – são aliados aos processos atuais de formação de leitores.

O avanço da tecnologia fez surgirem mudanças sócio-político econômicas, como destacam Leite e Schmidt (2000), e com isso os autores julgam necessárias outras habilidades, além do domínio do código da escrita, mas a formação de um cidadão capaz de compreender a escrita. Esta compreensão é tão importante que para as crianças e jovens, a leitura deve ser percebida como instrumento para toda a vida, capaz de auxiliá-los na compreensão citada, na crítica e na emancipação dos dogmas da sociedade e não apenas como algo atrelado exclusivamente à escola (FURTADO; OLIVEIRA, 2011).

Além desses recursos, outro muito utilizado são as histórias em quadrinhos. “Profissionais de diversas áreas têm percebido como os quadrinhos podem ser relevantes no desenvolvimento educacional, afora as vantagens na leitura das crianças” (SANTOS; GANZAROLLI, 2011, p. 64). O processo de consolidação da leitura pode utilizar este recurso no estímulo do prazer de ler e quando bem utilizados podem ser grandes aliados no ensino e na formação de leitores, que podem assim, ser capacitados aos poucos para leituras mais complexas (SANTOS; GANZAROLLI, 2011). Carvalho e Oliveira (2004) também citam as histórias em quadrinhos como elemento formador de leitores, pois auxiliam as crianças de cinco ou seis anos a se divertirem com a leitura. Isso porque esse tipo de literatura possui muitos aspectos lúdicos que “prendem a atenção da criança e fazem-na sonhar, ajudando-a a construir um mundo de fantasia e diversão” (CARVALHO; OLIVEIRA, 2004, p. 5). Iannone (1994) também explica que os leitores os quais leem histórias em quadrinhos são estimulados e incentivados por estas a buscar outros tipos de leitura.

Os autores assim convergem em relação ao uso das histórias em quadrinhos na formação de leitores, pois pode ser utilizado para introduzir as crianças o gosto pelos livros.

Muitos apresentam interpretação mais facilitada, em função dos seus desenhos, e aos poucos o leitor pode buscar leituras mais complexas quando já estiver apto a ler os quadrinhos. E estes não atraem somente crianças, eles podem manter o gosto pela leitura em muitos adultos.

Dumont e Ramos (2010) também contribuem com o debate em torno da leitura de quadrinhos e afirmam que o leitor dessas histórias com o tempo começa a procurar leituras com maior conteúdo, argumentos e possibilidades de interpretação e com esse processo observa-se o êxito na formação de leitores que passam a ler o que é tido como mais complexo.

Embora se deva considerar a importância familiar no processo de formação de leitores, a escola e sua biblioteca ainda são vistas como uma “das principais promotoras de leitura para o universo infantil” (SILVA, 2006, p.18) e “embora as condições socioeconômicas influenciem muito as possibilidades de leitura, a escola, e, por conseguinte, a biblioteca escolar, tem um claro papel educacional vinculado à formação desta prática” (FLECK; PEREIRA, 2007, p. 287).

A formação de leitores deve visar a leitura compreensiva e Silva (2010) faz algumas sugestões acerca deste processo: professores e bibliotecários devem ter conhecimento de que a leitura não é um processo passivo e sim um processo de compreensão do mundo por meio da palavra escrita; devem ser provocadas situações desafiadoras como estímulo à leitura; os textos devem ser variados, adequando-se às exigências psicológicas dos leitores e devem ser feitas correspondências entre os questionamentos e interesses dos leitores e os textos apresentados. Estas são algumas indicações para auxiliar os envolvidos a pensar em como devem ser as ações de incentivo à leitura.

Inclusive, é importante salientar mais uma vez que é com a leitura que o estudante “será capaz de aprender e crescer intelectualmente, tendo, ainda, momentos enriquecedores de lazer e diversão” (CHAGAS, 2009, p. 18).

A complexidade das ações para desenvolverem o estímulo à leitura não é baixa. Exige ações governamentais, formativas, disciplinadoras, criativas e muita força de vontade dos envolvidos. O estímulo deve ocorrer em todos os meios, seja familiar ou escolar, e em todas as fases de desenvolvimento da criança e do adolescente. Se os pontos positivos da leitura forem levados em consideração e sempre lembrados, atividades que incentivem este processo não deixarão de existir.

2.3 BIBLIOTECAS ESCOLARES

As bibliotecas escolares são muitas vezes vistas apenas como suportes, um espaço sem missão definida e sem participação ativa nas atividades desenvolvidas pelas escolas. Essa visão da biblioteca escolar ainda está presente nos dias de hoje, embora tenha um imenso potencial. Não são registradas muitas atitudes inovadoras por parte daqueles que nelas atuam, considerando que muitas vezes não são profissionais da área, e sim professores readaptados que ocupam os espaços que deveriam ser dos bibliotecários. Muitas vezes, os governos também contribuem com esta desvalorização reduzindo o investimento em bibliotecas escolares a doações de livros.

As bibliotecas escolares são espaços dotados de funções de grande responsabilidade e que se bem aproveitadas podem mudar a realidade da comunidade escolar e estimular os alunos a serem apaixonados pela leitura.

Durante muito tempo, as bibliotecas foram vistas apenas como depósitos de livros; esta visão de biblioteca templo deve ser destruída para que seja criada a biblioteca dinâmica, a qual dialogará com as mais variadas instituições, como destaca Aguiar (1994). Nesse sentido, é importante que seja lembrado o caráter social das bibliotecas, relacionado às “condições de acesso à leitura, ofertadas às diferentes camadas da população” (AGUIAR, 1994, p. 99). A biblioteca é aliada em uma mudança social em que todos tenham acesso à informação e saibam utilizá-la.

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) também propõe que as bibliotecas não sejam mais concebidas como depósitos de livros, mas sim como difusoras de “informação e cultura, centro de educação continuada, núcleo de lazer e entretenimento, estimulando a criação e a fruição dos mais diversificados bens artístico-culturais” (MARQUES NETO, 2010, p 46). Assim, essas unidades de informação seriam mais estimulantes e atraentes e cumpririam melhor a sua missão social. Nesse sentido, “[...] entende-se que a existência de uma biblioteca escolar ativa é um fator fundamental, pois é um instrumento que pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, por isso as ações ligadas a ela precisam ser dinâmicas” (ARAÚJO; SALES, 2011, p. 563).

Segundo a visão de Macedo (2005), a biblioteca escolar deve ser bem organizada; ter objetivos bem definidos; unir bibliotecários, colaboradores e professores para a consecução do processo ensino-aprendizagem e assim capacitar informacionalmente os alunos. A importância dessas unidades de informação não se dá somente para os alunos, mas também

para a comunidade escolar e para Macedo (2005, p. 179) “deve ser uma das mídias de fundo cultural e democrático das mais abertas e convidativas” para esta comunidade.

Quando a biblioteca atender toda a comunidade escolar – incluindo familiares de alunos e moradores ao redor – estará cumprindo seu papel social satisfatoriamente. Quando a biblioteca escolar fizer parte da vida das pessoas de forma ativa, estará mudando a sociedade.

Segundo o Manifesto para as Bibliotecas Escolares, os objetivos destas instituições são:

- apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
- apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
- providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
- defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;
- promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES, 1999, p. 2).

Cabe verificar em cada instituição se ela está cumprindo com estes objetivos e buscar ações para tais fins.

Com relação ao primeiro item citado acima, Macedo (2005) destaca que a biblioteca escolar é um tipo de organização bibliotecária indispensável ao uso dos recursos exigidos no processo de ensino-aprendizagem. Modesto (2005) enfatiza que entre os objetivos das bibliotecas escolares está imbricada a questão do fomento ao gosto pela leitura, permeando suas ações por meio de produtos e serviços ofertados. Nesse sentido, o trabalho do bibliotecário é ressaltado pelo autor, pois ele pode desenvolver programas de leitura e acima de tudo deve ser um leitor para que esses objetivos sejam atingidos.

O nono item é também debatido por Garcez e Blattmann (2005), quando as autoras afirmam que a biblioteca escolar deve procurar atender satisfatoriamente as necessidades de pesquisa e junto com as necessidades de lazer da comunidade escolar.

Em 2008, foi publicado o livro do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras, no qual é possível obter o dado de que “se a rede pública de ensino fundamental é ampla, no entanto, o número de escolas com biblioteca representa $\frac{1}{4}$ do total, ou seja, apenas 34.307 têm biblioteca” (BRASIL, 2008, p. 37). Este dado está muito abaixo do esperado e do que efetivamente se necessita. E dentro destas 34.307 escolas com biblioteca, quais possuem bibliotecas atuantes e que cumprem seus objetivos?

A deficiência de bibliotecas da rede pública é um dado agravante e com ele identificamos as dificuldades enfrentadas para a existência destes espaços. A Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (IFLA), nas Diretrizes para Biblioteca Escolar (2005) escritas em conjunto com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e o Manifesto para as Bibliotecas Escolares (1999), elaborado apenas pela IFLA, apontam que as bibliotecas escolares têm como missão propiciar informação e ideias fundamentais para que as pessoas tenham sucesso na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento; desenvolver nos alunos as competências de que eles necessitam para a aprendizagem que terão ao longo da vida, além de estimularem a imaginação dos discentes para que estes possam se tornar cidadãos responsáveis.

Nem todas as bibliotecas conseguem cumprir essa missão. Campello (2010) afirma que no nível básico as bibliotecas devem oferecer regularmente os serviços de consulta local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa. Ou seja, no mínimo todas as bibliotecas escolares deveriam desempenhar estas atividades junto à comunidade que atende. Campello (2010) segue descrevendo que uma biblioteca com nível exemplar de atendimento deve ter, além das atividades do nível básico, serviços que divulguem novas aquisições, exposições e serviços específicos para os professores, como levantamentos bibliográficos e boletins de alerta. Todas essas atividades, além de levarem mais informação aos alunos também auxiliam no processo de formação destes enquanto leitores.

Campello (2010) tratou dos serviços que as bibliotecas escolares devem ter e Berenblum (2006) descreve as obras que não podem faltar nestas unidades de informação, são elas: obras de referência; obras de ficção; documentários; periódicos e outras coleções, como as voltadas para interesses regionais, para o atendimento a projetos pedagógicos das escolas (BERENBLUM, 2006, p. 32-33). Estas obras podem auxiliar na formação de leitores, na continuidade do interesse de ler e na pesquisa escolar, seja feita por discentes ou docentes.

Um dos motivos para essa deficiência das bibliotecas escolares é exposto por Viana e Pieruccini (2013) quando afirmam que houve um silêncio legislativo em torno destas bibliotecas e que pouco foi feito no que diz respeito às ações específicas. E isso não somente no passado, as autoras mencionam que ainda hoje esses espaços não são vistos como relevantes no Brasil e muitas vezes ainda se resumem a um acervo organizado de livros.

Em 2010, entrou em vigor a Lei Federal n. 12.244/10 que, em seu artigo 1º, aprova a obrigatoriedade da existência de bibliotecas em todas as instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, do Brasil. Ainda nesta Lei, vê-se que até 2020, a universalização das bibliotecas escolares deve ser efetivada, respeitando a profissão regulamentada de Bibliotecário. Esta lei:

[...] surgiu de um projeto elaborado pelo Sistema CFB (Conselho Federal de Biblioteconomia) em parceria com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia para uma implantação de uma rede de informação dinâmica e eficaz, visando promover maior qualidade no ensino público (LEITE et al, 2013, p. 6).

Viana e Pieruccini (2013) afirmam que esta Lei aponta a ausência de bibliotecas escolares e mostra o poder público encarando-a como um problema e alvo de ação política. No entanto, as autoras consideram que no artigo 2º limita a biblioteca escolar ao resumi-la como uma coleção de livros e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura. Essa limitação, para as autoras, aponta a forma como as soluções são propostas, apenas garantindo o direito ao acesso às informações, sem considerar o direito de saber como informar-se, fundamental para que os sujeitos realmente se apropriem de forma crítica das informações. Viana e Pieruccini ainda alertam para a necessidade de que:

[...] a criação de bibliotecas escolares objetive a satisfação de necessidades e atenda a desafios no âmbito da educação das novas gerações, sendo que uma nova ótica deverá pautar essa fase de discussões e regulamentações da política pública para a biblioteca escolar no Brasil. Trata-se, assim, de imediato, de incorporar uma decisão positiva à ação política, a ser posta em execução (VIANA; PIERUCCINI, 2013, p. 14).

Em contraponto à visão de Viana e Pieruccini (2013), Leite et. al. (2013) acredita que esta lei é uma esperança para as bibliotecas escolares e para a execução de projetos de incentivo à leitura, uma vez que exigida a existência de bibliotecas com bibliotecários em todas as escolas, esses desenvolverão os projetos citados, por estarem capacitados para tanto.

Bessa (2011, p. 47) corrobora a necessidade de bibliotecários dentro das bibliotecas escolares por esse profissional ser:

[...] capacitado para atuar como mediador no processo de busca e recuperação da informação e responsável pelo desenvolvimento de atividades que visam reiterar a contribuição da biblioteca escolar no processo educacional. [...] a biblioteca escolar necessita estar inserida nas atividades desenvolvidas por educadores para que, de fato, contribua no processo de ensino-aprendizagem.

Quando uma biblioteca escolar não possui um bibliotecário, quem assume sua coordenação é um profissional readaptado e nesses casos o que ocorre é que este “geralmente organiza o espaço e o atendimento com uma visão estereotipada, que em nada contribui para que ele seja efetivamente utilizado” (SILVA, 2006, p. 15). Isso porque ele não está preparado para gerir uma biblioteca e muitas vezes, não conhece seu potencial e a importância que estes espaços têm na formação dos alunos.

Bezerra e Silva (2008, p. 9) contribuem neste debate ao salientar que:

O bibliotecário é o profissional habilitado a atender as necessidades informacionais dos usuários nas unidades de informação, atuando também como intercessor desta mesma informação. A presença de um bibliotecário, independente do tipo de biblioteca, é essencial para o seu bom funcionamento, pois também atua como agente educacional e promotor de leitura.

A presença do bibliotecário nas escolas é amplamente discutida na literatura da área, e não há dúvidas a respeito da sua importância para o sistema escolar. Mesmo assim, a sua ausência é ainda comum nas escolas.

O trabalho do bibliotecário escolar possui finalidades de prática educativa, que segundo Campello (2010), são: promoção da biblioteca; promoção da leitura; formação do leitor e orientação da pesquisa escolar. A questão explícita da leitura está em duas das quatro finalidades. Uma biblioteca sem este profissional pode ficar carente de atividades que orientem a prática educativa; a biblioteca pode não ser promovida; a leitura pode ser deixada de lado ou tratada de forma desestimulante; a formação de leitores pode deixar de ocorrer de forma satisfatória e a pesquisa escolar fica desorientada.

As bibliotecas atuam como figurantes nas escolas e acabam não participando ativamente dos processos de ensino-aprendizagem. O ideal, segundo Bessa (2011), seria que os bibliotecários escolares estivessem integrados ao processo pedagógico e que participassem junto com os professores do planejamento escolar e das discussões geradas no ambiente da escola. As pesquisas dessa autora indicam que a maioria dos professores nunca elaborou sugestões de serviços para os profissionais das bibliotecas escolares, muitas vezes por não conhecerem os serviços que estas unidades de informação podem oferecer e o quanto podem participar no processo de ensino-aprendizagem escolar. Além disso, Bessa (2011) também aponta que os bibliotecários escolares não participam da elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, interferindo negativamente no comprometimento das bibliotecas com o processo de ensino-aprendizagem. Bessa (2011) complementa ao indicar que falta aos responsáveis pelas bibliotecas escolares a consciência da responsabilidade social que possuem

e do quanto eles podem ser úteis ao participarem do processo educativo contribuindo para a formação de cidadãos.

A atuação de bibliotecários e professores também é tema abordado por Campello (2003, p. 9) ao considerar que “as crianças e os jovens de hoje precisam aprender a pensar de forma lógica e criativa, a solucionar problemas, a usar informações e comunicar-se efetivamente”. Uma das formas de isso ocorrer é com o trabalho conjunto entre professores e bibliotecários ao planejarem “situações de aprendizagem que desafiem e motivem os alunos, acompanhando seus progressos, orientando-os e guiando-os no desenvolvimento de competências informacionais cada vez mais sofisticadas” (CAMPELLO, 2003, p. 9).

Macedo (2005) também trabalha a questão da união entre professores e bibliotecários e destaca que as bibliotecas escolares precisam contar com um quadro habilitado de profissionais livres de preconceitos e que o trabalho em conjunto entre esses profissionais contribui para um melhor desempenho dos aprendizes nas questões relacionadas à leitura e escrita, à resolução de problemas, ao uso de recursos informacionais e das tecnologias de comunicação e informação.

As Diretrizes da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) (2005) para biblioteca escolar indicam que a cooperação entre professores e bibliotecários escolares maximiza os serviços das bibliotecas e ao trabalharem juntos, estes podem ampliar o ambiente de aprendizagem, preparar e realizar programas de leitura e atividades culturais. Essa união apenas traz benefícios para a comunidade escolar e pode colocar em evidência as bibliotecas destes locais. Para a IFLA (1999), é comprovado que quando bibliotecários e professores trabalham em conjunto os alunos atingem níveis maiores de leitura, aprendizagem, são mais capazes de resolver problemas e conseguem dominar melhor as tecnologias de informação e comunicação.

Quanto ao papel do bibliotecário escolar, tem-se a orientação das Diretrizes da IFLA (2005) para biblioteca escolar:

A principal função do bibliotecário escolar é a de contribuir para [o cumprimento] da missão e dos objetivos da escola, em que se incluem os processos de avaliação, implementação e desenvolvimento [da missão e dos objetivos] da biblioteca. Em cooperação com a direção da escola, com os administradores em geral e com o professorado, o bibliotecário deve estar envolvido no planejamento e na implementação dos programas escolares.

O bibliotecário possui conhecimento e habilidades necessárias para proporcionar o provimento e a solução de problemas de informação, além de ser um especialista no uso de todo o tipo de fontes, tanto na forma impressa como eletrônica. Seus conhecimentos, habilidades e especialidade devem atender às demandas de uma determinada comunidade escolar. Além disso, ele deve organizar campanhas de leitura e de promoção da literatura, dos meios de difusão e cultura infantis.

O apoio da administração da escola é essencial quando a biblioteca desenvolve atividades interdisciplinares. [...] É extremamente importante para o bibliotecário o

fato de ser aceito como um membro igual aos outros profissionais e ser convocado para participar do trabalho conjunto e de todas as reuniões da escola, na qualidade de diretor do departamento bibliotecário.

O bibliotecário deve criar um ambiente de entretenimento e aprendizagem que seja atrativo, acolhedor e acessível para todos, livre de qualquer medo ou preconceito. Todos aqueles que trabalham na biblioteca da escola devem ter bom relacionamento com crianças, jovens e adultos (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2005, p. 12).

Assim, observa-se que a interação entre bibliotecários e professores é de extrema importância dentro do ambiente escolar, por auxiliar na execução de projetos em prol dos alunos e no incentivo à leitura. É também necessário que as bibliotecas sejam espaços acolhedores e úteis na visão dos alunos, para que ocorra a valorização destes espaços e daqueles que neles atuam.

Para auxiliar neste sentido, Becker e Grosh (2008) afirmam que é necessária união entre os bibliotecários para que realizem ações em conjunto, como propostas de formação de leitores e para criação de bibliotecas. Assim, elas poderão ter papéis mais visíveis e receber reconhecimento “como verdadeiros templos do saber, necessárias para proporcionar uma educação de qualidade e formar um país de leitores” (BECKER; GROSCH, 2008, p. 43).

Os bibliotecários escolares precisam gostar de ler, para serem capazes de motivar este gosto. Aguiar (1994) corrobora com esta posição e acrescenta que para motivar a leitura, o bibliotecário não deve colocar as atividades de leitura dos alunos como tarefas escolares tradicionais, a ação participativa deve ser provocada e não imposta. Becker e Grosh (2008) também destacam que há necessidade de os bibliotecários envolvidos no incentivo à leitura serem grandes leitores, pois “se o bibliotecário se comportar como um leitor ávido, não ficará temeroso em listar obras que a biblioteca deverá adquirir” (CALDIN, 2005, p. 165).

O bibliotecário possui um papel muito importante dentro das escolas e para desempenhar bem este papel é preciso “largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais” (CALDIN, 2005, p. 164).

A biblioteca escolar deve ser um espaço atraente para os alunos e se a escola “pretende investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para expressão genuína da criança e do jovem” (CARVALHO, 2003, p. 23). Quando a biblioteca é um local atraente, os alunos se sentem mais motivados a frequentá-la e sua importância é inegável, pois elas “são responsáveis em proporcionar aos estudantes a base para a leitura” (SILVA, 2006, p. 12).

Berenblum (2006) propõe que o papel das bibliotecas seja revisto pelos sistemas de ensino e pelas escolas, a fim de que estes locais se transformem em espaços de convivência, debate, reflexão e fomento à leitura.

Para Caldin (2005), uma biblioteca escolar cativa leitores de acordo com duas variáveis, seu acervo e o profissional que nela atua. Para a autora, o bibliotecário é responsável por auxiliar na formação de cidadãos conscientes e capazes de desenvolver pensamento crítico e criativo. A partir desta teoria, conclui-se que um acervo atualizado estimula o aluno a visitar a biblioteca e assim se tornar um leitor. E um profissional capacitado conseguirá transformar a biblioteca em um local acolhedor e atraente para os alunos desenvolverem atividades de lazer.

É preciso perceber que as necessidades dos leitores foram modificadas com as novas tecnologias, conforme citado anteriormente. Portanto, as bibliotecas precisam se adequar às novas demandas e oferecer serviços e atividades que promovam o prazer em ler nos alunos (BECKER; GROSCH, 2008). No entanto, as autoras ainda salientam que as bibliotecas escolares (quando existem) são apenas apêndices da educação, não possuem bibliotecário, estão mal localizadas, com acervo desatualizado e sem atividades que gerem o prazer de ler.

Jolibert (1994, p. 95) salienta o fato de que “quando se tem a convicção de que a biblioteca da escola é um lugar e um instrumento indispensável, só resta [...] torná-la um projeto-emprego de toda a escola (crianças, professores e pais)”. Percebe-se que a partir do momento em que a comunidade escolar tem consciência da importância da biblioteca escolar, é natural incluí-la como parte fundamental para as atividades escolares.

Para isso, Chagas (2009, p. 62) vê a necessidade de que professores e bibliotecários “acreditem no papel educacional que pode ser exercido pela biblioteca e bibliotecários na escola e de quanto essa nova postura poderá contribuir para a formação de alunos mais críticos e bem formados”.

A influência das bibliotecas dentro das escolas é evidenciada nos estudos de Andrade (2003, p. 13) ao apontar uma pesquisa realizada pela Universidade de Denver, localizada nos Estados Unidos, na qual se identificou que “estudantes de escolas que mantêm bons programas de bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes”. No entanto, mesmo com todos os indícios que temos quanto à importância da biblioteca escolar, esta “ainda é tratada com negligência, pois são poucas as instituições que realmente inserem este órgão significativo no programa pedagógico” (MARTINS, 2006, p. 55).

Destaca-se ainda o fato de que a biblioteca escolar é um local de leitura, como afirmam Pitz e Souza (2011), onde os estudantes devem se fazer presentes porque desejam e não porque são forçados a utilizar apenas para trabalhos e pesquisas escolares. Inclusive os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) exigem que as escolas criem as oportunidades para que seus alunos saibam utilizar a linguagem em suas diferentes modalidades e estimulem o desejo dos alunos de frequentarem a biblioteca para que seja desenvolvido o apreço pelo ato de ler, como indica Campello (2003). Para a autora:

Isso significa que a aprendizagem da língua deve ser feita com base na diversidade textual, proporcionando aos alunos uma prática constante e sistemática da leitura dos textos que circulam na sociedade. A biblioteca [...] representa recurso imprescindível para a formação de leitores capazes de [...] saber interpretar o que leem (CAMPELLO, 2003, p. 17).

Furtado e Oliveira (2010), também corroboram a ideia de que as bibliotecas são o ambiente ideal para o incentivo à prática de leitura e escrita literária, uma vez que não estão inclusas nas exigências das disciplinas e horas aulas e se tornam locais propícios para os momentos de lazer dos alunos utilizando como instrumento a literatura.

Caldin (2003, p. 54) reforça esta questão ao afirmar que:

[...] a biblioteca escolar é o local por excelência para apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de ter acesso aos livros que não são didáticos.

A importância da biblioteca escolar é inegável, e por isso Bezerra e Silva (2008) citam que em função de ser um recurso imprescindível são vistas por muitas pessoas como fonte para a formação de cidadãos.

Uma vez que a biblioteca escolar é coadjuvante nos processos de formação de leitores, é necessário que este espaço assuma sua real importância e passe a fazer parte de forma mais ativa dentro da comunidade escolar. Para este ideal se tornar realidade, são necessários esforços por parte dos governos, dos dirigentes escolares, da comunidade escolar e dos profissionais que atuam dentro das bibliotecas escolares. Uma ação em conjunto pode auxiliar na valorização dessas unidades de informação e dos processos de leitura, essenciais aos cidadãos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentadas as classificações desta pesquisa, os procedimentos técnicos adotados, a população para qual foi aplicada, a forma como os dados foram coletados, tabulados e analisados.

A abordagem dada para responder o problema desta pesquisa foi quanti-qualitativa, pois o questionário apresentado ao público alvo foi composto por questões fechadas e alternativas abertas. A parte quantitativa da pesquisa se refere ao fato de que alguns resultados obtidos com os questionários foram traduzidos em números com recursos e técnicas estatísticas e a parte qualitativa se refere à apresentação de questões, ou alternativas de questões abertas, em que as respostas foram interpretadas (SILVA; MENEZES, 2005). A abordagem quanti-qualitativa se desenvolveu para que fosse possível unir os dados quantitativos e qualitativos em um mesmo estudo (CRESWELL, 2007).

Quanto aos seus objetivos, esta é uma pesquisa descritiva que segundo Gil (2002) descreve as características de determinada população envolvendo o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, no caso um questionário.

O procedimento técnico adotado foi o levantamento que é caracterizado, como afirma Gil (2002, p. 50), por uma “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”.

Para participar da pesquisa foram selecionadas as escolas da rede pública estadual e da rede privada localizadas nos bairros Ingleses do Rio Vermelho e São João do Rio Vermelho na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Esses bairros foram escolhidos devido à facilidade de acesso pela pesquisadora aos mesmos e ao fato de já terem sido desenvolvidas atividades acadêmicas e escolares previamente em algumas escolas destes locais. As escolas da rede municipal não foram inclusas na pesquisa, por não atuarem no Ensino Médio. A partir da escolha desses dois tipos de escolas, privadas e estaduais, foi possível desenvolver um comparativo entre os dois tipos.

Inicialmente, a pesquisa se desenvolveria apenas em duas escolas estaduais e duas privadas, mas como houve tempo e disponibilidade, a pesquisa ganhou uma abrangência maior e foco sobre dois bairros citados de Florianópolis.

As escolas estaduais participantes foram a Escola de Educação Básica Intendente José Fernandes, localizada no bairro Ingleses e a Escola de Ensino Médio Antônio Paschoal Apóstolo, localizada no bairro Rio Vermelho. A primeira possui biblioteca, mas é coordenada por professores afastados da sala de aula, enquanto a segunda possui biblioteca que está

fechada porque não há atualmente um profissional responsável pelo seu funcionamento. Em outros momentos esta biblioteca já foi coordenada por professores readaptados e por profissionais responsáveis pela sala de informática. As duas escolas possuem, cada uma, quatro turmas de 1º ano do Ensino Médio, das quais duas turmas de cada escola participaram da pesquisa.

Nos bairros Ingleses e Rio Vermelho, existem quatro escolas da rede privada com Ensino Médio; três aceitaram participar da pesquisa, sendo elas: Colégio Santa Terezinha, Escola da Praia e Escola Expressão. As duas primeiras estão localizadas no bairro Ingleses e a última no Rio Vermelho. As três escolas possuem, cada uma, uma turma de 1º ano do Ensino Médio, todas participantes da pesquisa.

Os dados foram coletados em agosto de 2015 e os questionários foram aplicados de forma presencial em cada uma das escolas, e respondidos individualmente por cada aluno, em uma turma por vez. Os questionários foram aplicados aos alunos que frequentam o primeiro ano do Ensino Médio de cada escola – estes alunos foram a população deste estudo – a fim de se obter um número mínimo de respostas de acordo com as técnicas de cálculo de amostra apresentadas por Barbetta (2006).

Foram selecionados alunos do primeiro ano do Ensino Médio por terem concluído recentemente o Ensino Fundamental e poderem responder ao questionário que foi focado na formação leitora durante este período. O pré-teste do questionário foi realizado com cinco pessoas, previamente à aplicação do mesmo. Após o pré-teste, todas as questões que geraram dúvida foram reformuladas e o questionário foi refeito e revisado.

A seguir, serão apresentadas as formas como cada objetivo específico foi alcançado a partir das questões do questionário presente no apêndice A.

Para atingir o primeiro objetivo específico, qual seja, *verificar se os estudantes analisados possuem interesse pela leitura e por que tipos de leitura*, foram utilizadas as questões 6, 11, 14, 15, 16, 17 e 19 do questionário.

Para apontar como e influenciados por quem, os alunos pesquisados desenvolveram a prática da leitura foram analisadas as respostas das questões 7, 8, 9, 10 e 13.

O terceiro objetivo específico visa verificar a influência da biblioteca escolar no processo de formação do leitor e para cumpri-lo foram utilizadas as questões 6, 12 e 13.

Com o último objetivo específico, pretende-se identificar as semelhanças e diferenças do processo de formação leitora entre os alunos das escolas privadas e estaduais pesquisados e para atingi-lo temos as questões 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16 e 18 do questionário.

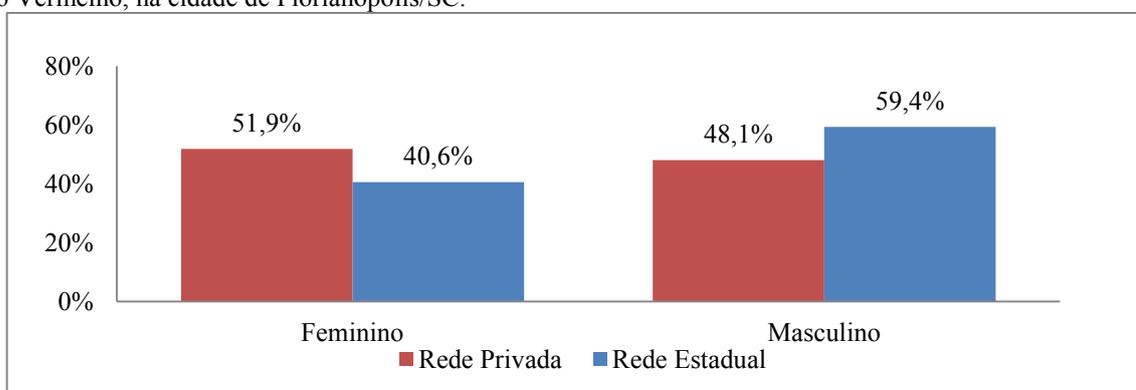
Diversas questões foram elaboradas para serem utilizadas a fim de atingir mais de um objetivo específico ao mesmo tempo. Algumas questões fechadas, como a 6 e a 7, possuem uma alternativa aberta e as respostas que surgiram serão apresentadas em separado na apresentação dos resultados da próxima seção. Do mesmo modo, serão apresentadas as respostas da questão 20 que é totalmente aberta possibilitando uma análise qualitativa das respostas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram coletados 148 questionários, sendo 52 em escolas da rede privada e 96 da rede estadual. Os questionários foram aplicados a cada turma de cada escola por vez e cada aluno o respondeu de forma individual e não identificada. Os dados foram analisados dividindo as respostas de acordo com o tipo de escola, privada ou estadual. A seguir, serão apresentados os resultados da presente pesquisa.

A primeira questão respondida pelos alunos foi em relação ao seu gênero.

GRÁFICO 1 – Gênero dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.

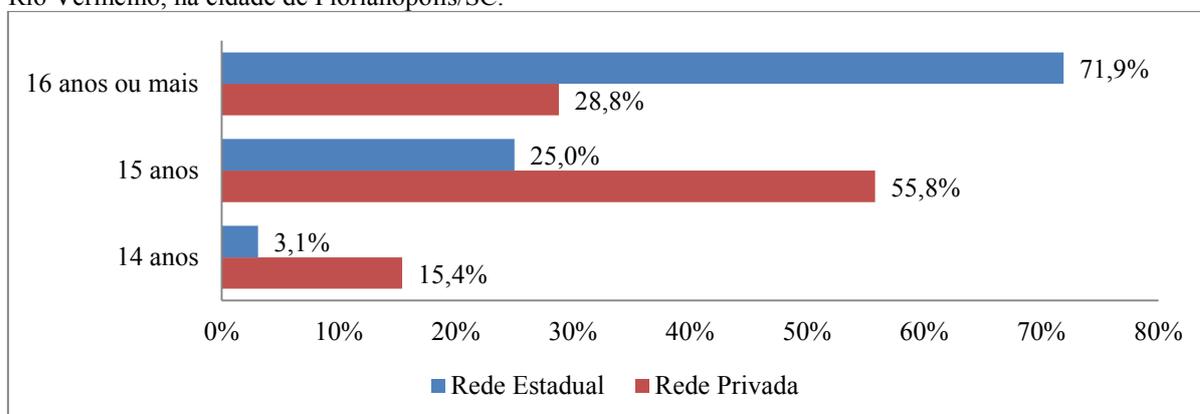


Fonte: dados coletados pela autora.

A maior parte dos alunos respondentes na rede privada é do gênero feminino e na rede estadual é do gênero masculino.

Segue o gráfico com a idade dos alunos respondentes do questionário:

GRÁFICO 2 – Idade dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

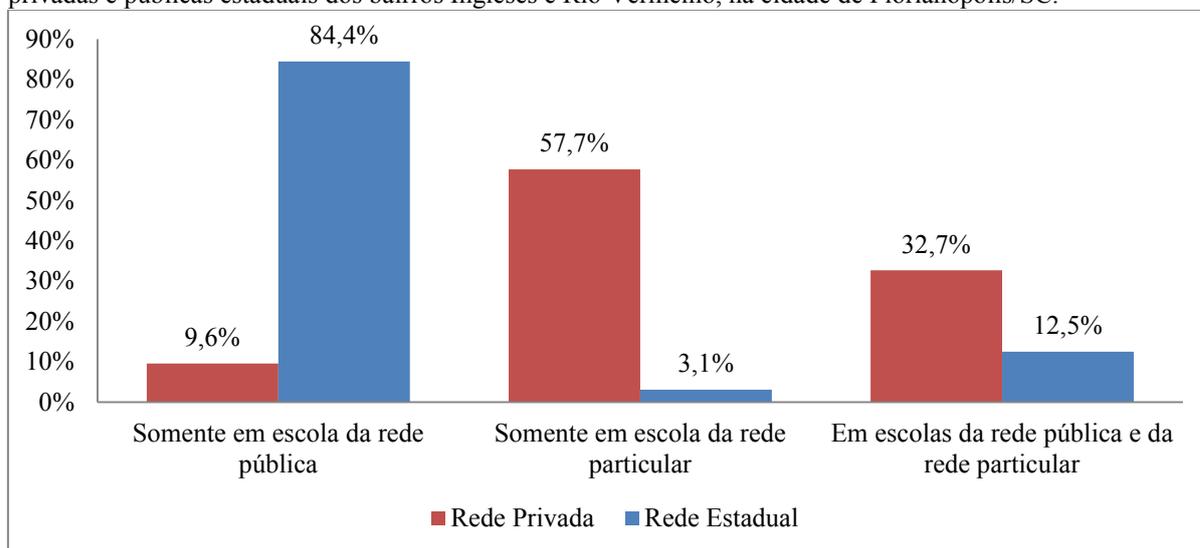
Uma pequena parcela de 3,1% dos alunos das escolas estaduais possui 14 anos, e 15,4% matriculados nas escolas privadas pesquisadas possuem esta idade. Na rede privada, 55,8% dos alunos têm 15 anos, enquanto na rede estadual a grande maioria, 71,9%, possui 16 anos ou mais. Os índices de reprovação são maiores nas escolas públicas do que nas privadas, pois apenas 25% dos alunos entrevistados estavam na idade indicada para o 1º ano para quem nunca reprovou, que é de 15 anos. Corrobora com esta afirmação Brasil (2006), que publicou o índice de reprovação em escolas de Santa Catarina. Em 2002, o índice de reprovação em escolas estaduais era de 11,1% e em escolas particulares de 4,13%.

Apesar deste dado alarmante, Nebias (2012) publica que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), a partir do Censo Escolar de 2011, apontou que Santa Catarina é o terceiro estado com o menor índice de reprovação no ensino médio, sendo 7,5%. Em 2011, o índice era de 10,4% e ocupava a 10ª posição.

O perfil dos alunos da rede pública é preponderante de meninos com 16 anos ou mais e na rede privada é de meninas de 15 anos.

A seguir, os alunos responderam em que tipo de escola estudaram durante o Ensino Fundamental.

GRÁFICO 3 – Tipo de escola frequentada durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.

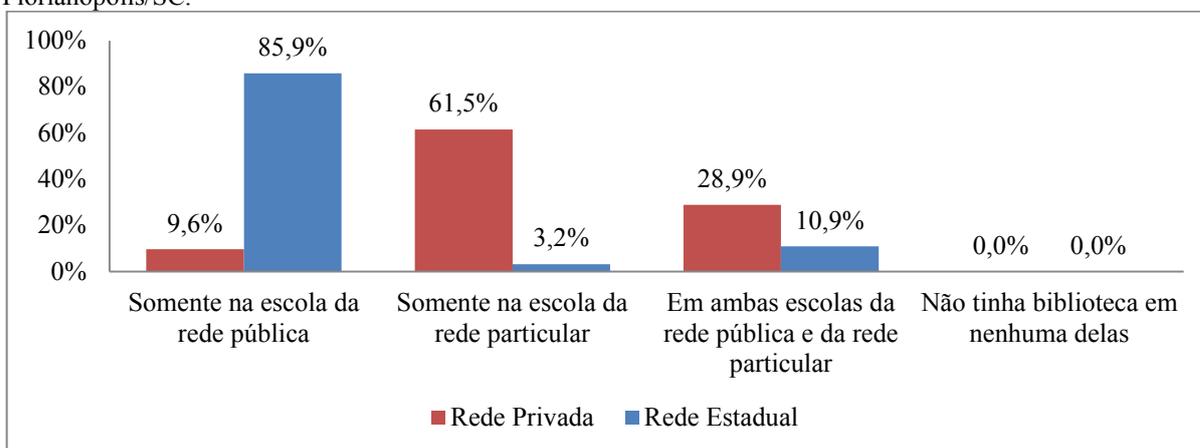


Fonte: dados coletados pela autora.

A maioria alunos que atualmente está matriculada na rede privada, 57,7%, estudaram durante o Ensino Fundamental na mesma rede, sendo que 32,7% também estudaram na rede estadual. Já 84,4% dos alunos da rede estadual sempre estudaram neste tipo de escola.

A seguinte questão solicitava: Indique da(s) escola(s) em que você estudou no Ensino Fundamental qual(is) tinha(m) biblioteca. Segue o gráfico com as respostas:

GRÁFICO 4 – Existência de bibliotecas nas escolas frequentadas durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.

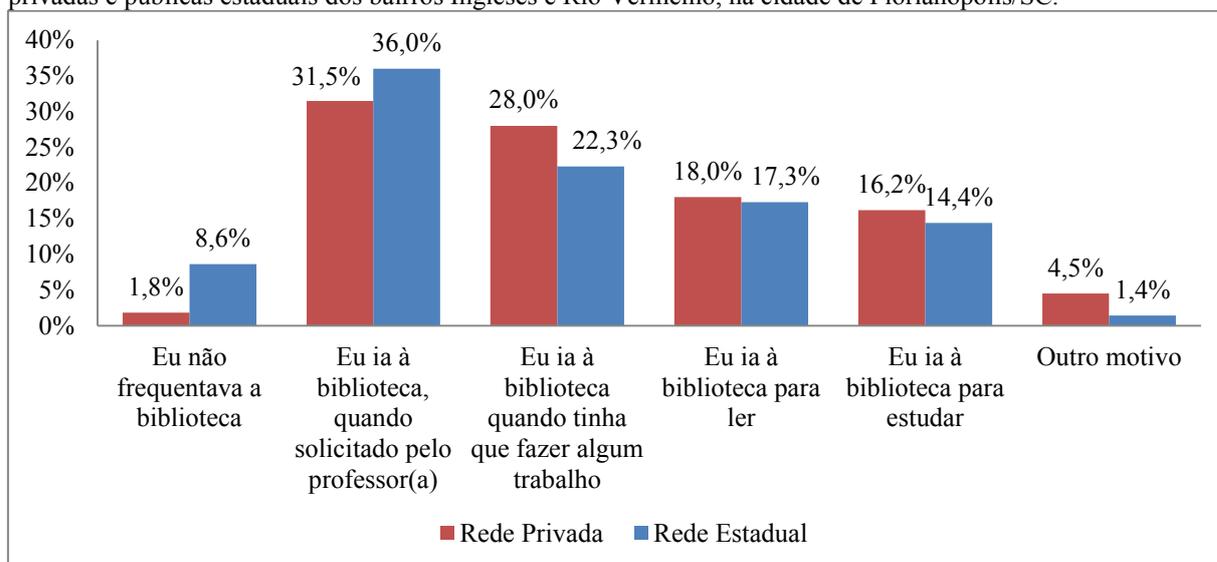


Fonte: dados coletados pela autora.

Nenhum aluno indicou a inexistência de bibliotecas em todas as escolas em que estudaram durante o Ensino Fundamental. Dois alunos que estudaram nos dois tipos de escola, indicaram que somente tinha biblioteca na escola privada.

No próximo gráfico, apresentam-se os resultados quanto à frequência dos alunos à biblioteca durante o Ensino Fundamental.

GRÁFICO 5 – Frequência à biblioteca durante o Ensino Fundamental pelos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

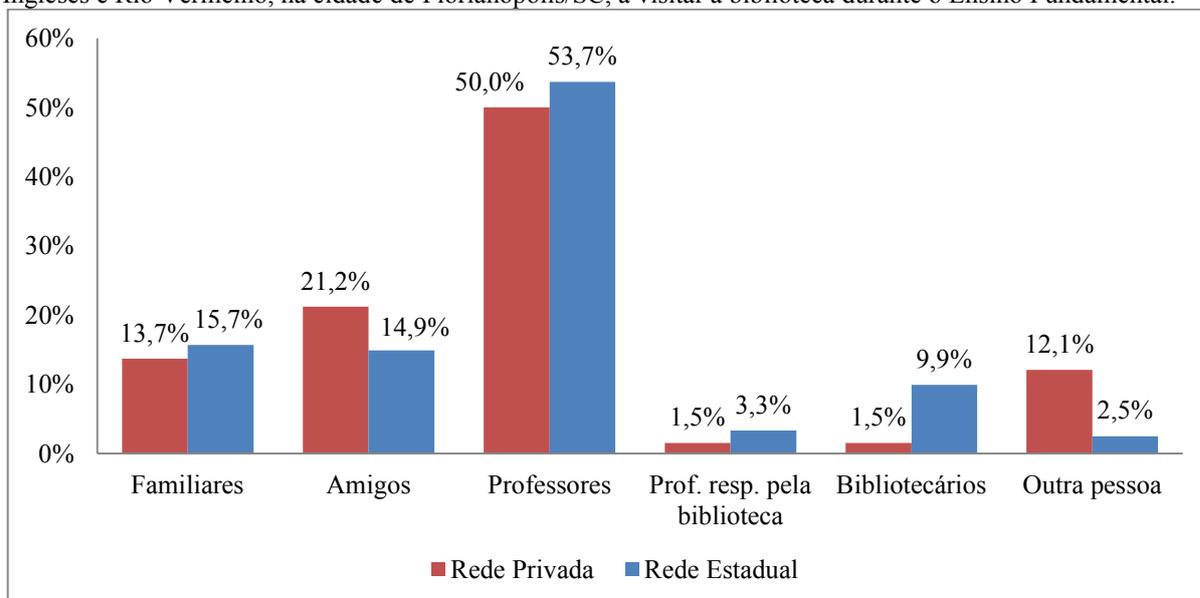
Em ambos os tipos de escola o resultado foi semelhante. A maioria dos alunos frequentava a biblioteca quando o professor solicitava. O segundo motivo mais citado foi a necessidade de fazer algum trabalho escolar, o terceiro foi para ler e o quarto para estudar. A diferença entre as escolas é que na rede estadual 8,6% não frequentavam a biblioteca, enquanto na rede privada apenas 1,8% dos alunos não a frequentavam.

Os outros motivos apresentados por alunos da rede privada foram: “pesquisar”; “pegar algum livro de meu interesse”; “me distrair” e “jogar xadrez”, o que representou 4,5% dos alunos. Na rede estadual, os outros motivos descritos foram: para doar livros e “passar o tempo”, representando 1,8% dos alunos.

Vê-se que grande parte dos alunos vai à biblioteca porque o professor solicita ou para fazer trabalhos escolares. Pitz e Souza (2011), em sua pesquisa destacam esse fato e afirmam que os estudantes devem ir à biblioteca porque desejam e não porque foram forçados. Faltam atividades motivadoras que façam os alunos frequentarem esses espaços. As bibliotecas escolares precisam ser mais ativas, atraentes e estimulantes, como já foi destacado por Marques Neto (2010) e por Araújo Sales (2011).

A seguinte questão foi respondida somente pelos alunos que afirmaram ir à biblioteca na questão anterior e indica quem os motivava a visitá-la.

GRÁFICO 6 – Quem os motivava os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, a visitar a biblioteca durante o Ensino Fundamental.



Fonte: dados coletados pela autora.

Os alunos indicaram que eram motivados principalmente pelos professores em todas as escolas. Na rede privada depois dos professores os principais motivadores eram os amigos,

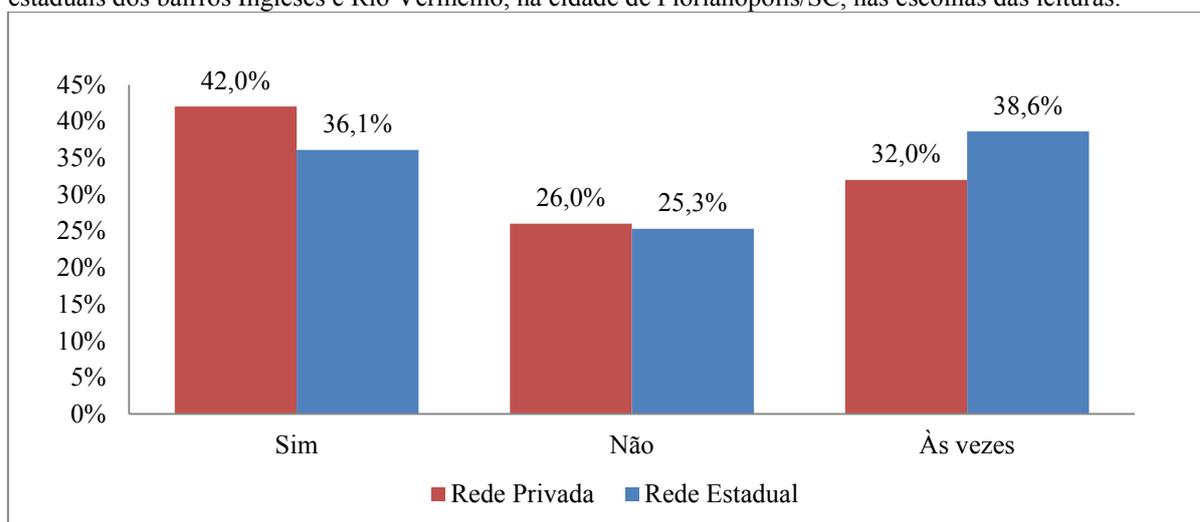
seguidos pelos familiares. Depois foram assinaladas a opção “outra pessoa”, que não houve indicação de quem seria, e por último com 1,5% cada, os bibliotecários ou professores responsáveis pela biblioteca. Na rede estadual, os familiares motivavam mais do que os amigos, seguidos por bibliotecários e depois por professores responsáveis pela biblioteca. 2,5% assinalaram “outra pessoa”, mas também não indicaram nomes.

A pesquisa do PNBE apontou que os familiares junto com os professores eram os principais motivadores para que os alunos frequentassem a biblioteca (BRASIL, 2008). No entanto, a presente pesquisa indica uma tímida representação dos familiares dos alunos sujeitos desta pesquisa.

A baixa representatividade de bibliotecários e professores responsáveis pelas bibliotecas como motivadores de visitação nas mesmas é um dado significativo. Campello (2010), afirma que o bibliotecário escolar deve promover a biblioteca e a leitura, bem como Caldin (2005) que também destaca o quanto é importante que este profissional tenha um papel ativo e seja agente de mudanças sociais. Ainda não se vê essas ações ocorrerem de modo a refletirem nos índices debatidos nesta pesquisa.

Os alunos que afirmaram que iam à biblioteca responderam a próxima questão indicando se encontravam alguém que os ajudasse na escolha de suas leituras.

GRÁFICO 7 – Existência de alguém que ajudasse os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, nas escolhas das leituras.



Fonte: dados coletados pela autora.

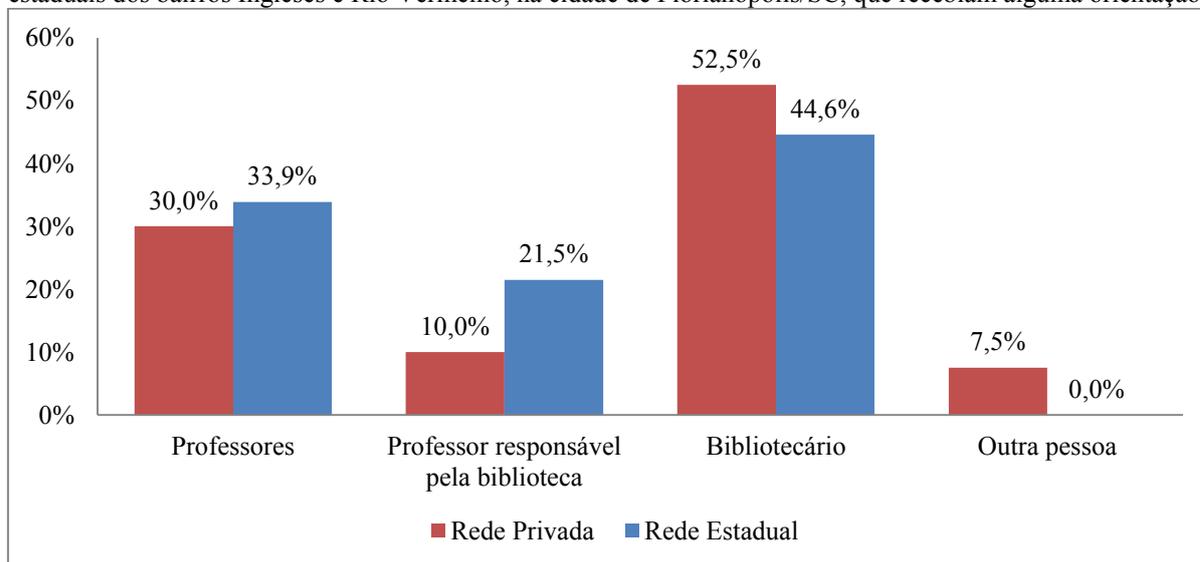
Os alunos da rede privada que recebiam ajuda nas escolhas das leituras somam 42%. 32% recebiam ajuda às vezes e 26% não recebiam ajuda. 38,6% de alunos da rede estadual indicaram que somente recebiam ajuda às vezes, 36,1% dos alunos recebiam ajuda e 25,3%

não recebiam ajuda. Em ambos os tipos de escola, aqueles que não recebiam ajuda se encontram em porcentagem semelhante; a diferença é que nas privadas a maioria recebia sim ajuda e nas estaduais a maioria recebia ajuda às vezes. Considerando a totalidade dos respondentes, 74,4% recebiam reconheciam a existência de alguém que os ajudasse sempre ou às vezes.

Os discentes devem ter independência e estar capacitados a encontrar a informação dentro das bibliotecas, mas é necessário que a presença do bibliotecário ou professor responsável pela biblioteca exista para que os alunos recebam apoio quando necessitarem. O bibliotecário precisa fazer marketing da sua imagem e de sua importância na biblioteca escolar, pois como afirma Leite et. al. (2013), “com seu trabalho, o bibliotecário poderá mostrar o quanto é importante a leitura”. O bibliotecário escolar precisa promover ações que tragam visibilidade para a biblioteca. No entanto, como sua presença ainda não ocorre em todas as bibliotecas, estas atuam de forma deficiente.

Os alunos que na questão anterior responderam “sim” ou “talvez”, apontaram quem eram as pessoas que orientavam suas leituras na biblioteca.

GRÁFICO 8 – Quem orientava a leitura dos alunos respondentes nas bibliotecas das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, que recebiam alguma orientação.



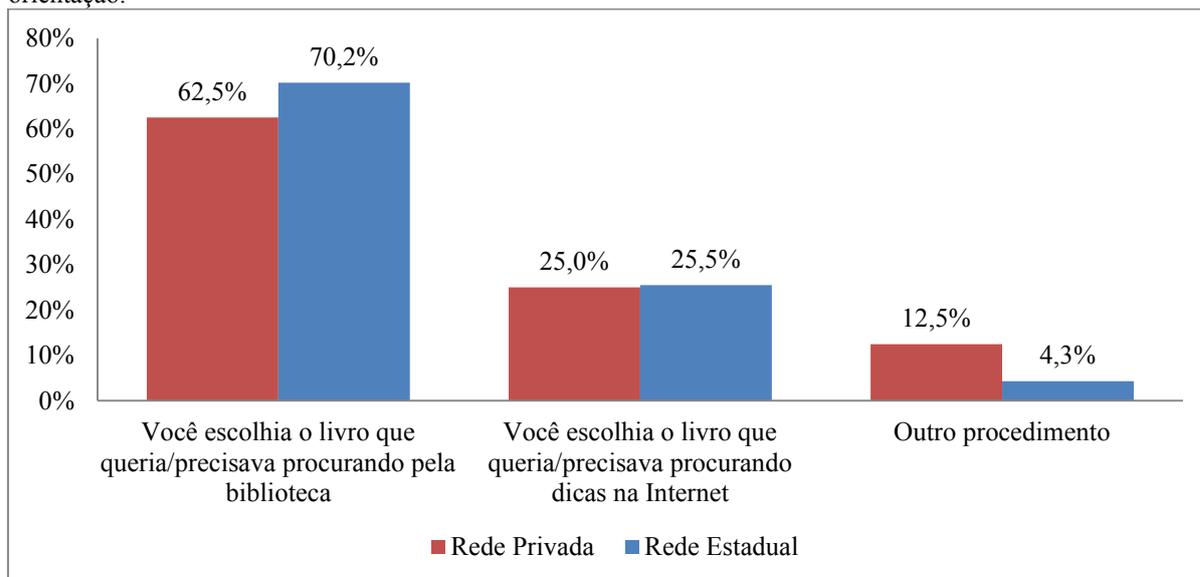
Fonte: dados coletados pela autora.

Em ambos os tipos de escolas em primeiro lugar ficaram os bibliotecários, em segundo os professores, em terceiro o professor responsável pela biblioteca. Os amigos foram apontados como sendo “outra pessoa” que orientava a sua leitura na biblioteca dos alunos da rede privada. É importante salientar o fato de na rede estadual não existir o cargo e

bibliotecário. Deste modo, possivelmente os alunos chamaram de bibliotecário os professores responsáveis pelas bibliotecas.

Os alunos que indicaram não receber auxílio nas escolhas das leituras, responderam como faziam para selecionar os livros que liam.

GRÁFICO 9 – Como selecionavam os livros que liam os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, que não recebiam alguma orientação.

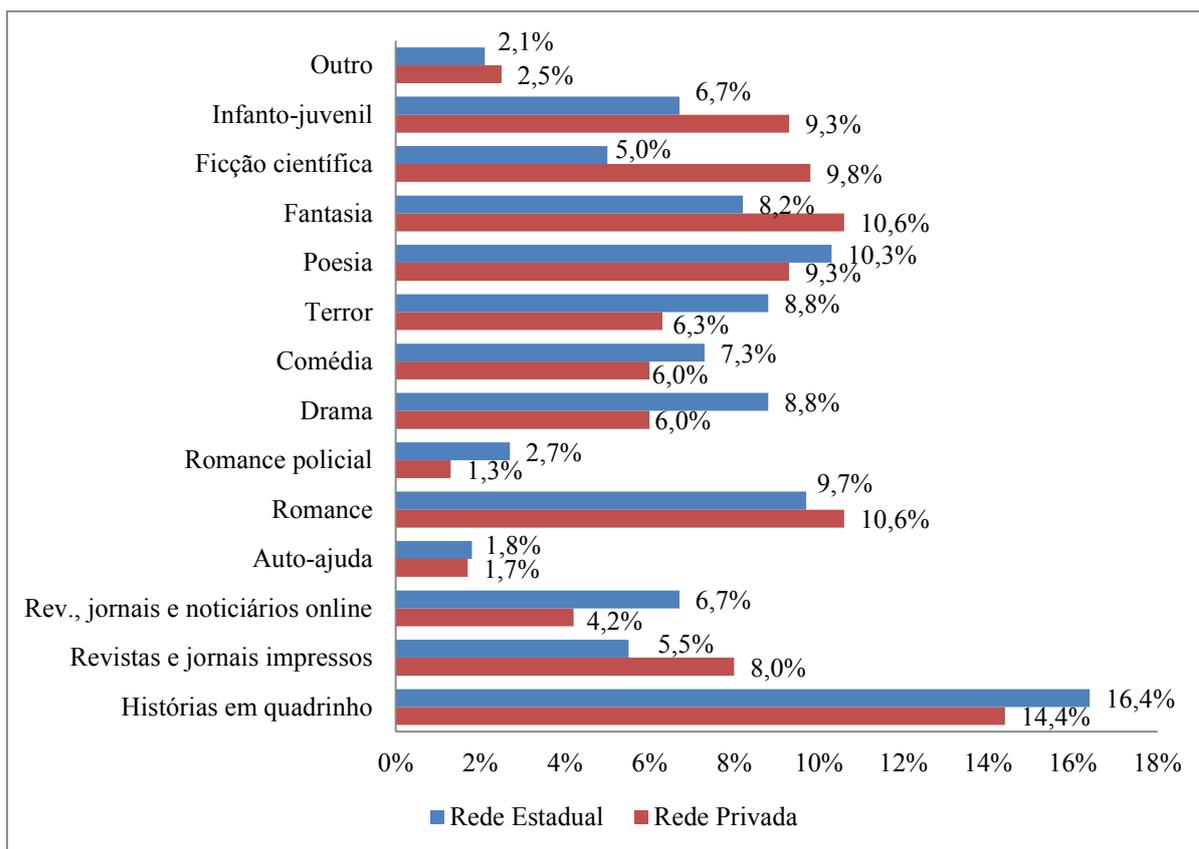


Fonte: dados coletados pela autora.

A maioria informou que ao não receber orientação na escolha das leituras o método mais utilizado é o de procurar diretamente na biblioteca. O segundo procedimento mais selecionado foi a escolha com dicas na Internet. O outro procedimento adotado por um aluno da rede estadual foi “recomendação”. Na rede privada, foram descritas as seguintes respostas: “perguntando aos amigos e donos das livrarias”, “pelo tema escolhido na biblioteca”, “conversando com amigos” e “o livro que o professor mandava”. As respostas indicaram não haver diferenças significativas entre escolas privadas e estaduais quanto a essa questão.

O seguinte gráfico apresenta o que os alunos liam durante o período em que estudaram no nível Fundamental de ensino.

GRÁFICO 10 – O que leram durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

Histórias em quadrinhos é o tipo de leitura mais lido pelos alunos de ambas as escolas no Ensino Fundamental e o que mais se destaca na rede estadual, pois o segundo mais lido é poesia com uma diferença de 6,1%. Os demais tipos de leitura sofrem variação de acordo com o tipo de escola, conforme apresentado no gráfico 10 e descrito abaixo.

Na rede estadual, em segundo lugar estão as poesias; em terceiro os romances; em quarto lugar terror e drama; em quinto lugar fantasia; em sexto lugar comédias; em sétimo infanto-juvenil e revistas, jornais e noticiários *online*; em oitavo revistas e jornais impressos; em nono lugar ficção científica; em décimo romances policiais, em décimo primeiro estão os “outros”, que foram citados livros de “religiões” e “aventura” e em último lugar está a autoajuda.

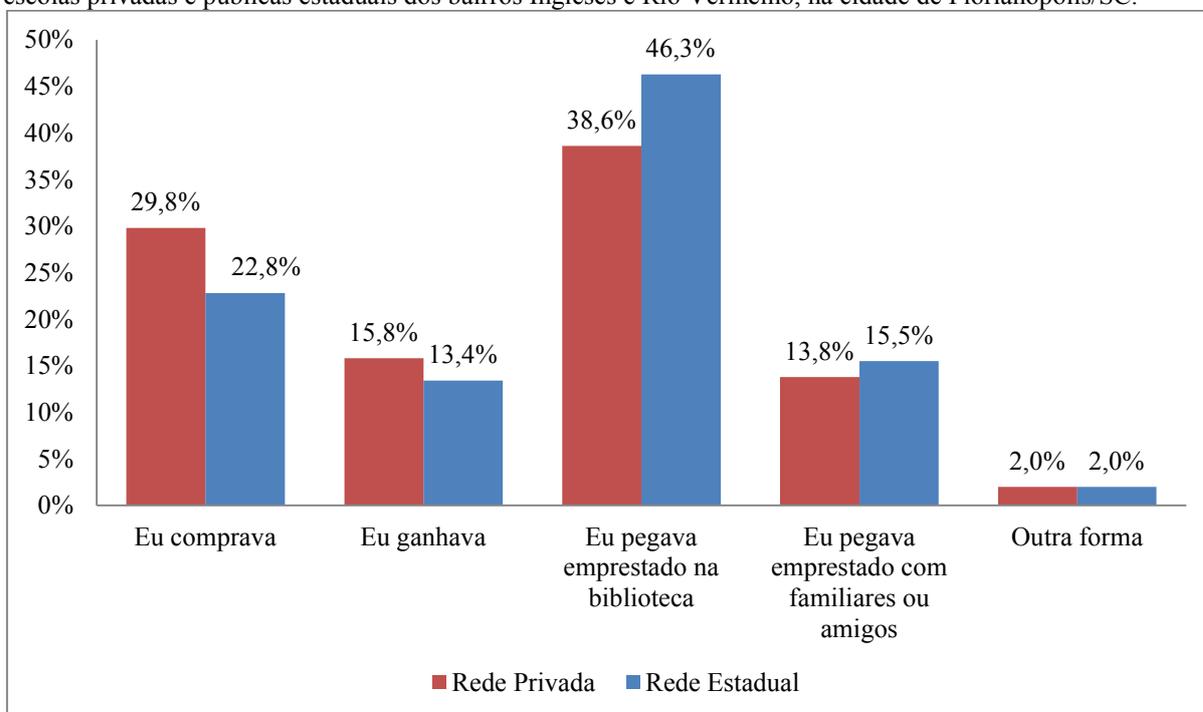
Na rede privada após os quadrinhos, em segundo lugar estão os livros de romance e fantasia; em terceiro lugar ficção científica; em quarto lugar poesia e infanto-juvenil; em quinto revistas e jornais impressos; em sexto lugar terror; em sétimo drama e comédia; em oitavo lugar revistas, jornais e noticiários *online*, em nono estão os “outros”, que foram citados “ação”, “história”, “biografias”, “aventura”, “esporte” e “distopia”, em décimo lugar literatura de autoajuda e em último lugar estão os romances policiais.

Considerando os dois tipos de escolas, os tipos de leitura mais lidos foram na seguinte ordem: histórias em quadrinhos, romances, poesia, fantasia, terror, infanto-juvenil, drama, ficção científica, comédia, revistas e jornais impressos, revistas e jornais *online* e sites de notícias, romance policial e autoajuda.

Conforme apontado no referencial teórico na seção “*formadores de leitores*”, os quadrinhos devem ser considerados importantes elementos incentivadores nos processos de leitura, e de fato representam a maior parte do que os alunos leram no Ensino Fundamental, consolidando seus processos de leitura para aos poucos partirem rumo a textos mais complexos (SANTOS; GANZAROLLI, 2011). Corroborando com esta afirmação a pesquisa de Dumont e Ramos (2010 p. 155) sobre leitura e obtenção de conhecimento nas histórias em quadrinhos de super-heróis, ao concluírem que uma pessoa “[...] também se torna capaz de exercer sua autonomia e suas competências enquanto leitor, valendo-se, para tanto, da potencial informação presente nesses quadrinhos”.

A próxima questão perguntava aos alunos como adquiriam os livros que liam durante o Ensino Fundamental.

GRÁFICO 11 – Como adquiriam os livros que liam durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

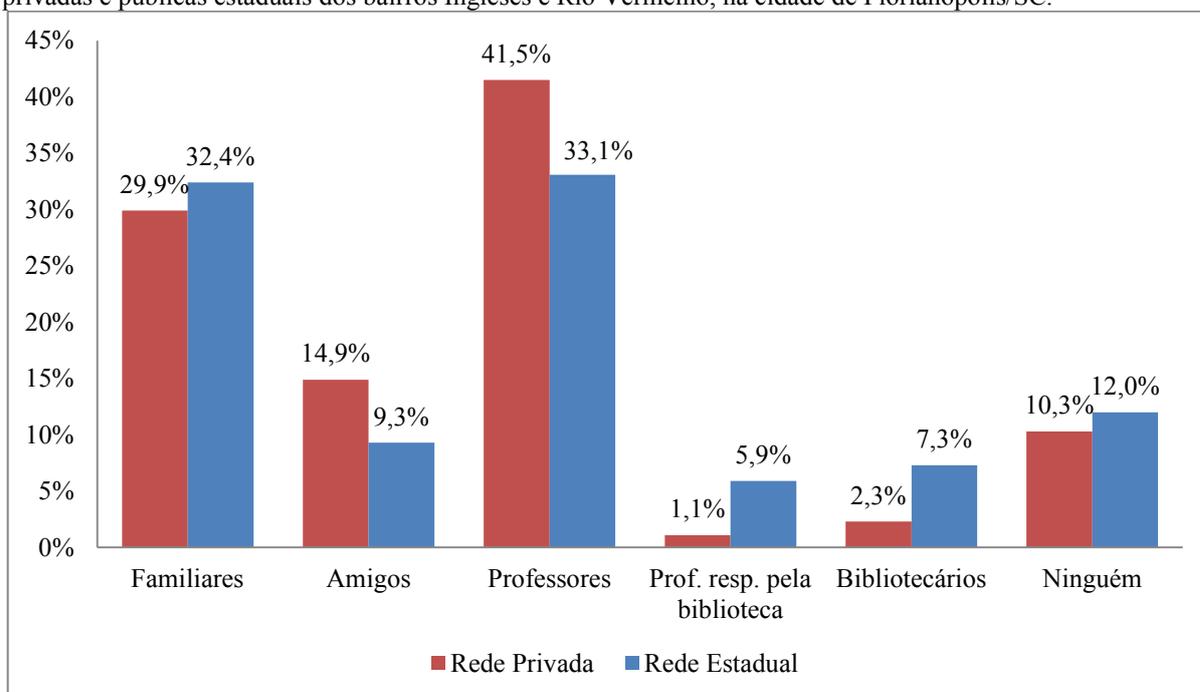
A maior parte dos livros lidos pelos alunos durante o Ensino Fundamental eram empréstimos da biblioteca nos dois tipos de escola. A segunda forma mais comum de adquirir

livros era com a compra. Há diferença pequena no terceiro modo mais indicado; os discentes da rede privada ganhavam mais do que pegavam emprestado com familiares ou amigos, enquanto na rede estadual ocorre o contrário. Na rede privada, um aluno respondeu que adquiriria os livros “na internet baixando em pdf” e na rede estadual um aluno respondeu de forma semelhante: “lia pelo celular ou internet”.

A escola é uma das responsáveis pela formação de leitores e pela prática e gosto pela leitura (FURTADO; OLIVEIRA, 2010), e esta influência está refletida na forma mais comum de os alunos adquirirem os livros que leem, com empréstimos na biblioteca.

A seguir, é apresentado o gráfico com os resultados da questão referente a quem influenciava os alunos sujeitos da pesquisa a ler durante o Ensino Fundamental.

GRÁFICO 12 – Quem influenciava a ler durante o Ensino Fundamental os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

Os professores foram indicados como aqueles que mais influenciavam os alunos a ler. Um total de 41,5% dos alunos da rede privada e 33,1% da rede estadual recebia influência dos professores. Os familiares são o segundo grupo que mais influenciou os alunos a ler, com 29,9% de indicações dos alunos da rede privada e 32,4% da rede estadual. Enquanto, 14,9% dos alunos da rede privada disseram receber influência dos amigos, 2,3% de bibliotecários e 1,1% de professores responsáveis pela biblioteca. Na rede estadual, 9,3% era influenciado por amigos, 7,3% por bibliotecários e 5,9% por professores responsáveis pela biblioteca. O dado

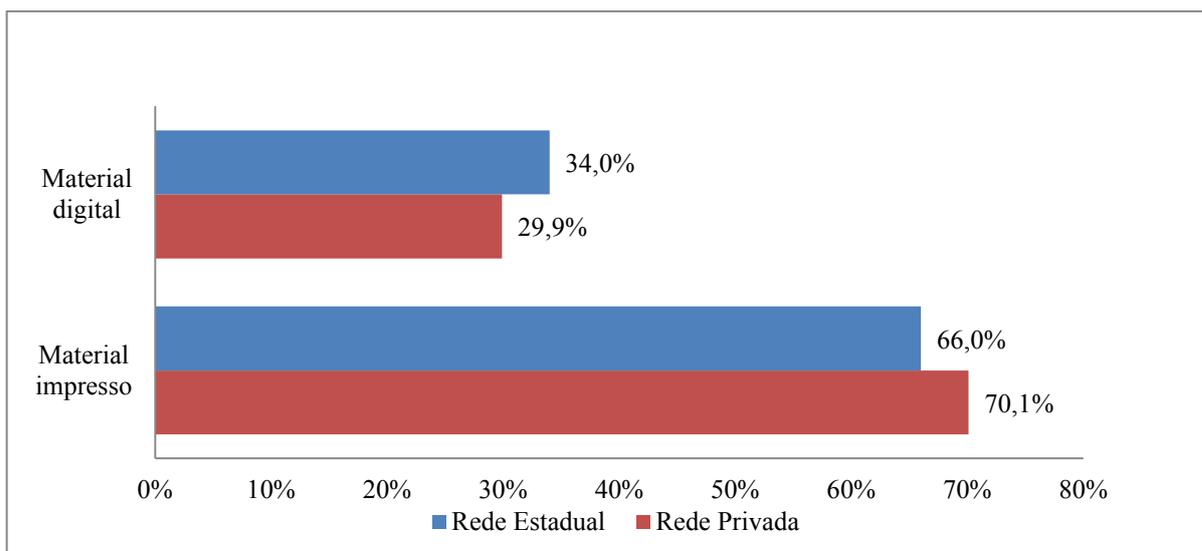
preocupante nesta análise é que 12% dos alunos da rede estadual e 10,3% da rede privada declararam não terem recebido influências para ler, ao todo representa 11,4%. Os bibliotecários são lembrados por apenas 5,7% dos alunos respondentes, no total.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, São Paulo (2012), em sua terceira edição, vai ao encontro dos resultados aqui apresentados. Os professores são os que mais influenciam as pessoas a ler, pois representam 45% das indicações dos participantes da pesquisa; seguidos das mães (ou responsável do sexo feminino) com 43%; em terceiro lugar estão os pais (ou responsável do sexo masculino) com 17%; em quarto lugar está outro parente com 14%; em quinto lugar estão amigos com 12%.

Um sinal de alerta é o fato de apenas uma pequena parcela dos alunos serem influenciados por bibliotecários, inclusive os de escolas privadas onde eles se fazem presentes, e estes profissionais nem mesmo são uma opção de resposta para esta questão nos Retratos da Leitura do Brasil.

Os alunos da rede privada são principalmente influenciados pelos professores, enquanto na rede estadual as famílias e os professores possuem representatividade muito semelhante, com diferença de menos de 1%. A escola e a biblioteca são fundamentais formadoras de leitores, como destacou Silva (2006). Mas a participação da família é muito importante também, por possibilitar o primeiro contato da criança com os livros (ARAÚJO; SALES, 2011). Jolibert (1994), também destaca a importância da família no processo de formação de leitores pela possibilidade de introduzir os livros para as crianças, bem como estimular na sua formação leitora depois que começam a ler na escola.

O próximo gráfico apresenta os resultados quanto ao suporte de leitura mais utilizado pelos alunos, entre impressos e digitais.

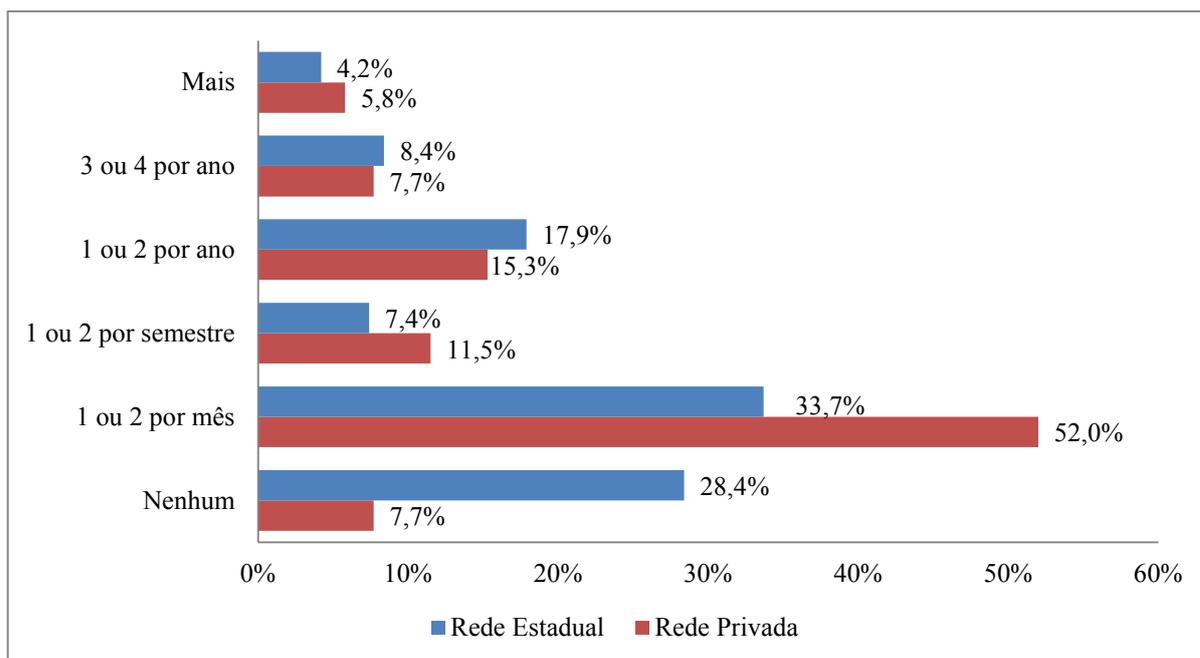


Fonte: dados coletados pela autora.

O mais utilizado para leitura durante o Ensino Fundamental ainda foi o material impresso. O material digital corresponde a apenas 29,9% dos alunos da rede privada e 34% da rede estadual. Interessante observar que nas escolas estaduais a porcentagem de alunos que leu material digital é maior do que na privada. E este número de leitores digitais não é grande ainda no sul do Brasil, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, São Paulo (2012), indica que apenas 12% dos leitores de livros digitais estão nessa região.

A cada dia os recursos digitais fazem mais parte da vida dos jovens (WEBER; SANTOS; CRUZ, 2014), mas ainda assim, a leitura durante o Ensino Fundamental foi basicamente realizada em suportes impressos. Esse fato pode se dar devido ao gosto pessoal dos alunos, mas Furtado e Oliveira (2011) enfatizam a necessidade de incluir os recursos tecnológicos na formação dos leitores. Um suporte não exclui o outro, mas uma vez que os alunos estão em uma sociedade tecnológica, os processos de ensino-aprendizagem devem estar também alinhados a esta nova realidade.

A próxima questão da pesquisa se refere a média de livros lidos atualmente pelos alunos, conforme gráfico a seguir:



Fonte: dados coletados pela autora.

Os resultados diferiram de acordo com o tipo de escola. Um total de 52% de alunos da rede privada lê um ou dois livros por mês; 15,3% leem um ou dois por ano; 11,5% leem um ou dois livros por semestre; 7,7% leem três ou quatro por ano; 7,7% não leem e 5,8% leem mais livros do que disponível nas opções de resposta. Na rede estadual, 33,7% leem um ou dois livros por mês; 28,4% dos alunos não leem; 17,9% leem um ou dois por ano; 8,4% leem três ou quatro livros por ano; 7,4% leem um ou dois por semestre e 4,2% leem mais livros do que disponível nas opções de resposta. Os alunos da rede privada que marcaram a opção “mais” indicaram a seguinte quantidade de livros lidos: “8 por ano”, “2 ou 4 por semestre” e “3 ou 4 por mês”. Na rede estadual houve as seguintes respostas: “12 por ano”, “10 por ano” e “3 por semana”.

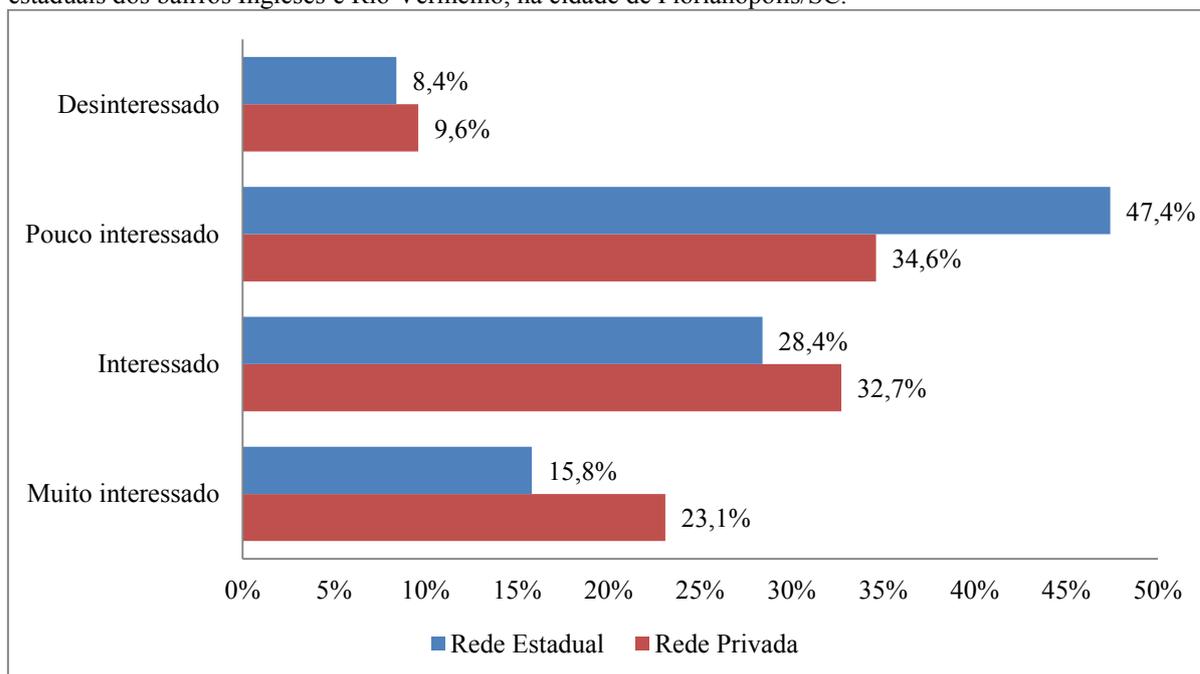
No geral, um percentual de 40,1% dos alunos lê um ou dois livros por mês; 25,9% leem entre um por ano a dois por semestre, 21% não leem e 8,1% leem três ou quatro livros por ano.

Os discentes matriculados em redes privadas leem mais do que os matriculados em redes públicas estaduais. Na rede privada, em uma das escolas, há um projeto de leitura que visa estímulo e traz resultados, pois 58,6% dos alunos desta instituição afirmam ler de um a dois livros por mês, que é o solicitado pela escola. Na rede estadual, em que uma das escolas não tem a biblioteca aberta a noite, período das aulas, é muito representativo o número de alunos que não lê, chegando a 28,8%.

Para que estes índices venham a apresentar um número maior de livros lidos por aluno são necessárias diversas ações de fomento, como a sugestão de Caldeira (2003), de criar acervos literários dentro das salas de aula e o projeto desenvolvido por Fragoso (1994), já citado anteriormente, em que participaram bibliotecários, professores e alunos.

Os alunos sujeitos da pesquisa responderam quanto interessados pela leitura se consideram e a seguir é apresentado o resultado desta questão:

GRÁFICO 15 – Nível atual de interesse pela leitura dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

A maior parte dos alunos sujeitos da pesquisa se considera pouco interessada pela leitura. Nas escolas estaduais, a porcentagem pouco interessada é maior do que nas privadas, somando 47,7% contra 34,6%. Nas privadas, 32,7% se consideram interessados, enquanto nas estaduais esta porcentagem é de 28,4%. Muito interessados somam 23,1% nas escolas privadas e 15,8% nas estaduais. Desinteressados são 9,6% dos alunos das privadas e 8,4% das estaduais. Ainda que os resultados sejam semelhantes, é possível observar que nas escolas privadas os alunos são mais interessados pela leitura do que nas estaduais.

De modo geral, 42,9% dos alunos se consideram pouco interessados na leitura; 30% se consideram interessados; 18,4% muito interessados e 8,8% se dizem desinteressados.

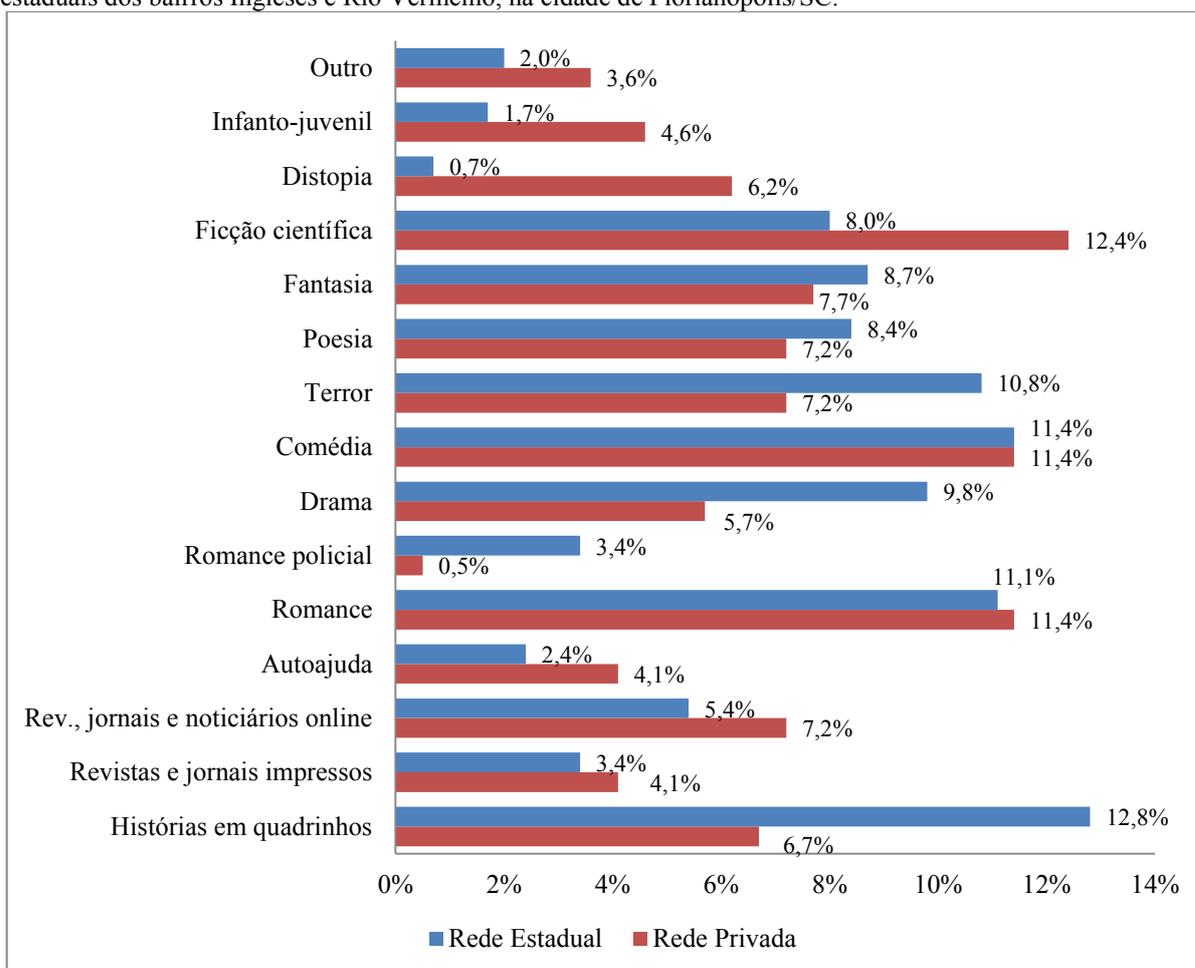
A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, São Paulo (2012), aponta uma semelhança com o resultado aqui apresentado sobre o interesse pela leitura. Nessa pesquisa há uma

questão sobre o gosto de leitura de pessoas com cinco anos ou mais e 37% gostam um pouco de ler, 30% não gostam de ler, 25% gostam muito de ler e 9% não sabem ler. Se considerar que os interessados e pouco interessados na presente pesquisa equivalem aos que gostam pouco de ler na pesquisa de São Paulo (2012), temos uma semelhança nos índices, pois a representatividade deste grupo é maior na população pesquisada.

Para que os alunos venham a ler mais é preciso que estejam estimulados e se sintam muito interessados pela leitura que deve ser transformada em prazer e não em obrigação. É interessante difundir a questão da liberdade no ato de ler, como citaram Pennac (2008), com os direitos do leitor – referenciados na seção 2.1 deste trabalho –, e Perissé (2006) destacando o quanto o prazer de ler é importante para a formação de leitores.

Após verificar os tipos de leitura mais lidos durante o Ensino Fundamental, abaixo é apresentado o gráfico com os tipos de leitura mais lidos atualmente pelos alunos.

GRÁFICO 16 – Tipo de leitura que mais atrai atualmente os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

No gráfico acima, percebe-se que há semelhanças nos resultados entre as escolas, quanto ao índice de alunos que leem comédia e romance. Nos demais tipos de leitura, há diferenças entre as redes de ensino, como é possível ver no gráfico anterior e nas análises a seguir.

Na rede privada, em primeiro lugar, estão as ficções científicas; em segundo, as comédias e os romances; em terceiro lugar, fantasia; em quarto, terror, poesia e revistas, jornais e noticiários *online*; em quinto, estão as histórias em quadrinhos; em sexto, distopia; em sétimo, drama; em oitavo, infanto-juvenil; em nono lugar, autoajuda e revistas e jornais impressos; em décimo, estão os “outros”, em que foram citados livros religiosos, de aventura, de superação, ação, história, esporte, biologia e *blogs* e em último lugar os romances policiais.

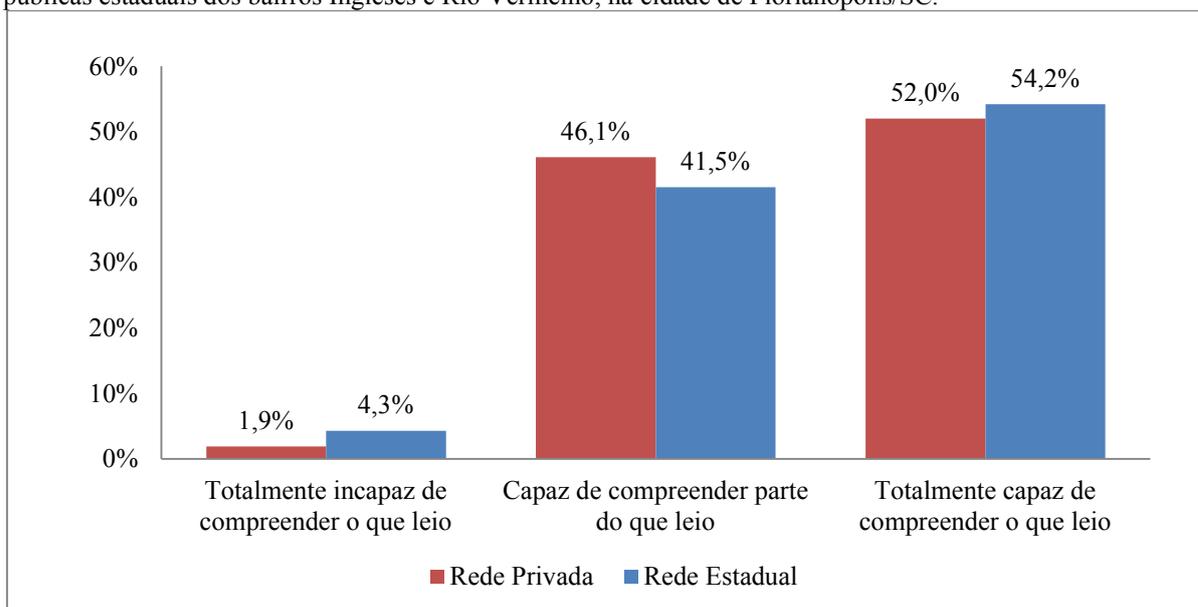
Na rede estadual, em primeiro lugar seguem os quadrinhos, tendência expressa desde o Ensino Fundamental; em segundo lugar, estão as comédias; em terceiro, os romances; em quarto, terror; em quinto, drama; em sexto lugar, fantasia; em sétimo lugar, poesia; em oitavo lugar, está a ficção científica; em nono lugar, revistas, jornais e noticiários *online*; em décimo, romances policiais e revistas e jornais impressos; em décimo primeiro, a autoajuda; em décimo segundo, estão os “outros” e foram citados livros medievais, gospel e aventuras; décimo terceiro, infanto-juvenil e em último lugar, as distopias.

Outra observação é que os alunos da rede privada passaram a ler mais jornais e revistas digitais do que impressas, ao contrário do que faziam no Ensino Fundamental.

No geral, do mais lido para o menos lido atualmente temos: comédia, romance, histórias em quadrinhos, ficção científica, terror, fantasia, drama, poesia, revistas e jornais online e *sites* de notícias, revistas e jornais impressos, autoajuda, distopia, infanto-juvenil, e romance policial.

Em relação às suas habilidades de leitura, os alunos podiam indicar sentirem-se totalmente incapazes, capazes ou totalmente capazes de compreender o que leem. A seguir, é apresentado o gráfico com os resultados:

GRÁFICO 17 – Sentimento quanto à sua habilidade de leitura dos alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.



Fonte: dados coletados pela autora.

Nas escolas da rede privada, um aluno indicou se sentir incapaz de compreender o que lê e na escola estadual, quatro alunos. Este dado é muito preocupante em se tratando de discentes que estão no primeiro ano do Ensino Médio e que já deveriam ter domínio da leitura e se sentirem confortáveis com ela. De acordo com Aguiar (2011), os alunos do Ensino Médio já deveriam ser capazes de fazer a leitura crítica, quando há elaboração de juízos de valor.

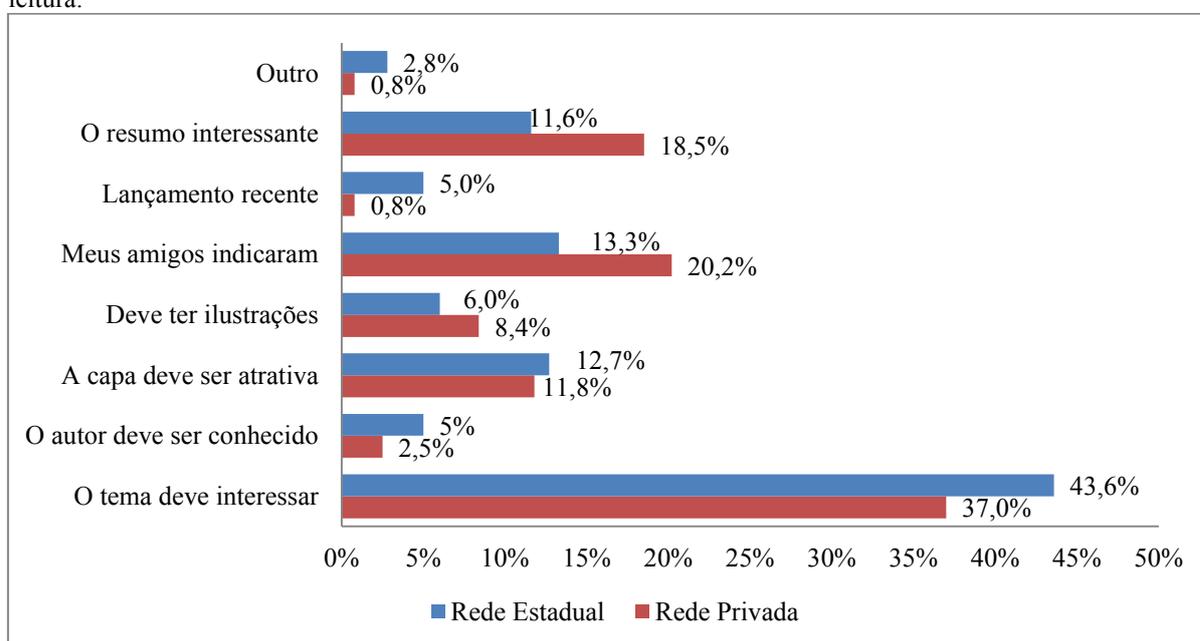
Desenvolver total capacidade de ler não é tarefa fácil, Kleiman (1989) salienta o fato de que para o texto lido fazer sentido para o leitor é preciso que ele tenha um conhecimento prévio da situação lida e precisa trazer a mente diversas informações para sua compreensão. Corroborando com esta ideia Pereira (1998, p. 32), ao salientar que esses processos envolvem diferentes aspectos “que vão desde as operações intelectuais, em que são feitas comparações, associações, interpretações e julgamentos, até aqueles que envolvem condições emocionais bastante complexas”. Estes são alguns dos motivos para explicar o porquê de muitas pessoas não se sentirem totalmente capazes de compreender o que leem. Saber ler não é ser um leitor competente, como afirmou Aguiar (2011).

O total entre capazes e totalmente capazes na compreensão de leituras é muito próximo na rede privada, apenas 5,9% de diferença, ou seja, 24 alunos se sentem capazes de ler e 27 totalmente capazes. Na rede estadual, a diferença percentual é de 12,7% entre os capazes e totalmente capazes de compreender o que leem, ou seja, 39 alunos se sentem capazes e 51 totalmente capazes.

São Paulo (2012), na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, indica que 43% dos participantes da pesquisa não possuem dificuldade nenhuma para ler, o que pode se comparar com os 52% e 54,2% dos alunos totalmente capazes de ler aqui estudados. Um total de 9% deles não sabe ler e 8% não compreende a maior parte do que lê; os de mais indicam que leem muito devagar, não têm paciência, têm problemas de visão ou dificuldade de concentração.

Foi perguntado aos alunos respondentes que características um livro deve ter para que despertem seu interesse pela leitura.

GRÁFICO 18 – Características que um livro deve ter para que os alunos respondentes das escolas privadas e públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC, se interessem pela sua leitura.



Fonte: dados coletados pela autora.

O tema ser de interesse é a característica mais importante para que leitores de ambas as escolas se interessem pelos livros, seguido das indicações de amigos. Já o resumo é o terceiro item mais citado pelos alunos da rede privada e a capa o quarto; enquanto na rede estadual, é o contrário, a capa é o terceiro e o resumo o quarto. As ilustrações são o quinto item mais citada nos dois tipos de escolas.

Na rede privada, o autor ser conhecido é o sexto item mais citado, e em último está o lançamento recente e o outro motivo apontado pelos discentes das escolas privadas foi: “o que eu estiver com vontade naquele dia”.

Nas escolas estaduais, o sexto item é o fato de o livro ter sido lançado recentemente; o sétimo item é o autor ser conhecido e em último foram apresentados outros motivos, como:

“o texto ser bem escrito”, “a forma como se escreve, as palavras pouco usadas” e “tem que me fazer ter vontade de ler”.

Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil, São Paulo (2012)*, parte dos resultados é semelhante, como o principal motivo na escolha de um livro, o tema. Como na presente pesquisa, o *Retratos* também sinalizou que as dicas de outras pessoas são importantes, bem como a capa.

A última questão do questionário foi aberta para que os alunos escrevessem qualquer informação que julgassem necessária, relativa ao tema da pesquisa. As respostas estão apresentadas nos quadros abaixo, separados por tipo de escola.

QUADRO 1 – Informações adicionais que julgaram necessárias os alunos respondentes das escolas privadas dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.

Eu, particularmente, gosto muito de ler e acho uma pena que a biblioteca, na maioria das vezes, seja visitada por obrigação. Acho que a leitura é muito importante para formar o ser humano e acho que todos deveriam achar a leitura importante.
É um pouco triste ver que o mundo de hoje não dá tanto valor para a leitura, que é uma forma de cultura que, na minha opinião, é extremamente importante para a formação do ser humano. Mas dias melhores virão.
A importância da leitura que muitas vezes nos coloca em um padrão intelectual.
Eu acho que é bem importante ler, para aprender novos vocabulários.
Acredito que, pelo fato de ser cobrada a leitura na escola, conheço livros que possivelmente não iria ler.
A biblioteca é muito importante para todos, pois a leitura é fundamental para criar a história na cabeça e dependendo do livro, eu gosto bastante de ler.
A leitura abre o conhecimento, fazendo com que possamos passar pelas dificuldades.
A observação de como damos valor a nossa leitura.
Leitura, apesar de muito importante, está progressivamente saindo da lista de interesses de muitos colegas meus.
A leitura de diferentes tipos durante o decorrer de minha vida, me fez muitas vezes pensar ou agir de forma diferente, compreender ou interpretar algo melhor do que antes.
Durante o Ensino Fundamental e até hoje costumo ler.
Para saber se os jovens de hoje em dia estão lendo mais ou menos que antigamente.
Boa parte das bibliotecas escolares não são atrativas aos alunos, o que faz com que alguns alunos não se sintam estimulados a ler, devido aos títulos e exemplares não atrativos. Vejo isto em meus colegas que não gostam de ler.
Se interessar pela leitura desde pequeno é muito importante.
Acho importante, pois hoje em dia pouca gente se importa com a leitura.
Ler é muito interessante por conta das histórias que fazem a gente imaginar e entrar no livro e participar da história.
A leitura ajuda na escrita, quanto mais lermos, mais assuntos vamos ter para falar com as pessoas, para saber do que estamos falando, podemos criticar as coisas, se defender de alguns assuntos. Um bom leitor se torna uma pessoa sabia.
Acho a leitura muito importante quando ela é proposta e não imposta, pois assim o aluno/leitor terá mais interesse. E os professores deveriam sugerir livros que atraíssem mais a atenção dos alunos para a leitura, com temas relativos a idade e gosto do aluno.
Tenho capacidade de entender a maioria dos livros, mas livros simples, mas com um tema forte relacionado à drama, me atrai.

Fonte: dados coletados pela autora.

Dos 52 alunos respondentes nas escolas privadas, 19 fizeram observações nesta questão. De modo geral, os alunos demonstraram valorizar a leitura e sinalizam quanto ao

problema da leitura imposta, das bibliotecas não atraentes e a falta de interesse de alguns colegas em ler.

QUADRO 2 – Informações adicionais que julgaram necessárias os alunos respondentes das escolas públicas estaduais dos bairros Ingleses e Rio Vermelho, na cidade de Florianópolis/SC.

É difícil eu ler livros, mas é muito bom a leitura. Você aprende cada vez mais coisas, consegue conversar mais com as pessoas e conta todo livro que leu.
Legal, nos faz pensar sobre a leitura.
Foi boa para relembrar o que fizemos
Foi boa para ser mais lembrado do que nós fizemos
Ter a biblioteca aberta na escola a noite.
Deveria haver mais livros na biblioteca desta escola.
Eu acho muito legal a pesquisa.
Informações não, mas tenho interesse para ler livros ou poesia, a poesia para mim é complicado de entender, mas lendo várias vezes consigo aos poucos compreender.
Acho importante a leitura ser mais influenciada.
Acho muito mal as pessoas não lerem fluentemente, devido ser tão importante e totalmente produtivo.
Eu acho que deveria ter alguém na biblioteca, porque já faz um ano que não vou a biblioteca. E eu acho que eu poderia aprender mais se a biblioteca tivesse aberta.

Fonte: dados coletados pela autora.

Dos 96 alunos participantes da pesquisa nas escolas estaduais, somente 11 se manifestam nesta questão. Há relatos do quanto a leitura é importante e solicitações para que a biblioteca da escola fique aberta no período noturno, em que eles estudam. A biblioteca é um dos principais ambientes para leitura e para se encontrar informação dentro das escolas e não funciona no horário de aula dos alunos por não ter funcionário para mantê-la, o que é lamentável.

Os alunos querem ler, gostam de ler, tem potencial para esta atividade, mas precisam ser motivados. É difícil que um leitor se forme sozinho, sem acompanhamento e motivação. Mas apesar de tantas pesquisas na área e da total concordância entre os autores sobre sua importância, ainda há muito que se avançar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos específicos foram cumpridos de acordo com a descrição dos procedimentos metodológicos e conforme segue.

O primeiro objetivo específico foi verificar se os estudantes respondentes possuem interesse pela leitura e por quais tipos de leitura. Verificou-se que: a maior parte dos estudantes frequentava a biblioteca quando solicitado pelo professor ou para fazer algum trabalho; apenas 18% dos alunos da rede privada e 17,3% da rede estadual iam à biblioteca para ler; o tipo de leitura mais lido durante o Ensino Fundamental foram histórias em quadrinhos, seguidos pelos romances, poesia, fantasia, terror, infanto-juvenil, drama, ficção científica, comédia, revistas e jornais impressos, revistas e jornais *online* e sites de notícias, romance policial e autoajuda; o suporte mais utilizado ainda foi o impresso, sendo que menos de 35% dos alunos lia material digital; 40,1% dos alunos leem um ou dois livros por mês, 25,9% lê entre um por ano a dois por semestre, 21% não leem e 8,1% lê três ou quatro livros por ano; a maioria dos discentes, ou seja, 42,9% se consideram pouco interessados na leitura, 30% se consideram interessados, 18,4% muito interessados e 8,8% se dizem desinteressados; atualmente o que os alunos mais leem é literatura de comédia, seguido por romance, histórias em quadrinhos, ficção científica, terror, fantasia, drama, poesia, revistas e jornais online e sites de notícias, revistas e jornais impressos, autoajuda, distopia, infanto-juvenil, e romance policial, por fim, as características que um livro deve ter para que os alunos se sintam interessados em lê-lo é principalmente o tema, seguido pelas indicações dos amigos.

O segundo objetivo específico foi apontar como e influenciados por quem, os alunos pesquisados desenvolveram a prática da leitura. Identificou-se que os professores, seguidos pelos amigos e familiares, são os maiores motivadores para que os alunos visitem as bibliotecas. Os bibliotecários são citados por 9,9% dos alunos da rede estadual e 1,5% da rede privada. Quanto ao auxílio na escolha das leituras dentro da biblioteca, 74,4% dos alunos apontou que recebiam ajuda sempre ou às vezes, sendo que a maioria era auxiliada pelos bibliotecários, seguidos pelos professores e professores responsáveis pelas bibliotecas. A maior parte dos alunos que frequentava a biblioteca e não recebia auxílio indicou que selecionava os livros que queria ou precisava procurando na biblioteca. Os professores são as pessoas que mais influenciaram os alunos a ler, seguidos pelos familiares e amigos. Os bibliotecários são citados por apenas 5,7% dos respondentes e 11,4% declara não ter recebido influências para ler.

O terceiro objetivo específico visava verificar a influência da biblioteca escolar no processo de formação do leitor. Verificou-se que os bibliotecários e professores responsáveis pela biblioteca não participaram muito da formação enquanto leitores dos alunos, uma vez que foram lembrados por apenas uma pequena parte dos discentes. No entanto, a maior parte dos livros lidos pelos alunos era emprestada das bibliotecas. Na rede privada, apenas 1,8% dos alunos não frequentavam a biblioteca e na rede estadual este percentual é de 8,6%.

O quarto objetivo específico foi identificar as semelhanças e diferenças do processo de formação leitora entre os alunos das escolas privadas e estaduais pesquisados. Foram identificadas algumas semelhanças, como: o principal motivo para frequentar a biblioteca era porque o professor os solicitava, seguido pela necessidade de fazer algum trabalho escolar, para ler ou estudar; os professores foram os principais motivadores que levavam os alunos a visitar a biblioteca; um percentual de 26% na rede privada e 25,3% na estadual dos alunos não encontrava ajuda quando visitava a biblioteca; quando os alunos recebiam ajuda na biblioteca, na maioria das vezes, era dos bibliotecários, em segundo lugar estão os professores e em terceiro os professores responsáveis pela biblioteca; 62,5% dos alunos da rede privada e 70,2% da rede estadual que indicaram não receber auxílio nas escolhas das leituras disseram escolher os livros que queriam ou precisavam procurando pela biblioteca, sendo a segunda forma mais usual – 25% nas escolas privadas e 25,5% nas estaduais – procurar dicas na Internet; a forma mais habitual dos alunos em ambas escolas adquirirem livros era mediante o empréstimo na biblioteca, seguido pela compra; durante o Ensino Fundamental, os professores e familiares são as pessoas que mais influenciavam os alunos a ler e cerca de 10% dos alunos de cada escola não tinham ninguém que os influenciasse; o material impresso ainda foi mais utilizado do que o digital pelos alunos dos dois tipos de escolas; o interesse pela leitura apontado é semelhante em ambas escolas, a maioria dos alunos é pouco interessada; mais de 50% dos discentes de cada escola se considera totalmente capaz de compreender o que lê e a taxa de pessoas que se sentem apenas capazes de compreender parte do que leem é de 46,1% nas privadas e 41,5% das estaduais.

Algumas das diferenças identificadas foram: apenas 1,8% dos alunos das escolas privadas não frequentavam a biblioteca, enquanto nas escolas estaduais esta porcentagem sobe para 8,6%; na rede privada, os amigos influenciaram mais os alunos a visitarem a biblioteca do que os pais, ao passo que na rede estadual foi o contrário; um percentual de 42% dos alunos da rede privada encontrava alguém que o ajudasse na escolha de suas leituras quando ia à biblioteca e 32% encontrava ajuda às vezes; já na rede estadual, 38,6% encontrava ajuda às vezes e 36,1% sempre; há uma pequena diferença na forma de adquirir os

livros que liam durante o Ensino Fundamental de acordo com o tipo de escola. Na rede privada, 15,8% ganhava os livros e 13,8% pegava emprestado com familiares ou amigos, enquanto na rede estadual 15,5% pegava emprestado e 13,4% ganhava; na rede estadual, professores e familiares representam uma porcentagem muito semelhante de indicações como influências para ler, mas na rede privada os professores denotam 41,5% e os familiares apenas 29,9%; mais de 50% dos alunos dos colégios privados leem um ou dois livros por mês, menos de 8% não leem e nos estaduais os leitores de um ou dois livros por mês não passa dos 35% e os não leitores chega a quase 30%; o número de alunos pouco interessados pela leitura é maior nas estaduais do que nas privadas, apesar de ser a opção de interesse mais assinalada em ambas escolas, houve diferença de 12,8%, na rede estadual, os alunos muito interessados e interessados estão em maior número do que na estadual; 4,3% dos alunos do Estado se sentem totalmente incapazes de compreender o que leem, contra 1,9% dos alunos da rede privada.

Na última questão do questionário, que foi aberta, os alunos escreveram informações que julgavam necessárias referentes ao tema de pesquisa. A maioria dos alunos que respondeu a esta questão destacou a importância da leitura e alguns lembraram o quanto ela ajuda nas suas vidas, o quanto é prazerosa, desvalorizada e que as bibliotecas não são atrativas. Houve também pedidos de alunos para que a biblioteca, em uma das escolas estaduais, passe a abrir no período noturno, em que eles estudam. Um percentual de 28,4% dos alunos da rede estadual não lê atualmente, e se a biblioteca da escola abrisse durante a noite este número poderia ser reduzido.

O objetivo geral desta pesquisa foi realizar uma análise comparativa entre a formação leitora que os alunos de escolas privadas e estaduais do 1º ano do Ensino Médio tiveram ao longo do Ensino Fundamental. Conclui-se que os professores são os principais formadores de leitores e que os bibliotecários ainda não ganharam visibilidade nesta função; as bibliotecas são a principal fonte de aquisição dos livros lidos pelos alunos respondentes; são necessárias atividades de incentivo à leitura que aumentem o número de alunos que se interessem pelos livros que é semelhante em ambas as escolas, apesar de os alunos dos colégios privados lerem mais do que nos estaduais. Os alunos da rede privada frequentaram mais a biblioteca durante o Ensino Fundamental do que os discentes da rede estadual; os pais e familiares dos alunos do Estado os influenciavam mais a visitar a biblioteca e a ler do que os pais e familiares da rede privada. Foi possível identificar que há mais semelhanças do que diferenças na formação leitora dos alunos do que diferenças entre as redes de ensino e que ações de incentivo durante o Ensino Fundamental levam os alunos a lerem mais durante o Ensino Médio, pois na rede privada eles frequentavam mais a biblioteca e atualmente também

leem mais. No entanto, como a biblioteca de uma das escolas estaduais pesquisada encontra-se fechada, o número de leitores é reduzido, principalmente porque no Ensino Fundamental eles adquiriam os livros que liam principalmente na biblioteca.

Os dados apresentados, alguns muito preocupantes, são necessários para que estejam em debate temas como a leitura, base para a formação e conscientização de um cidadão. É preciso conhecer a realidade dos nossos alunos para que juntos, governos, professores de todas as áreas, direção escolar, bibliotecários, familiares e acadêmicos trabalhem em prol de uma melhor formação de leitores no Brasil. E apesar de se falar sobre esse assunto há muito tempo, os resultados ainda não são totalmente satisfatórios.

Este questionário pode ser analisado mais a fundo para compreender suas respostas. E para que cada questão passe por análises mais profundas, há necessidade de estudos mais específicos sobre cada questão, de forma pontual, a fim de compreender melhor as causas dos resultados obtidos.

Os resultados possibilitam perceber que há necessidade de se pensar em projetos, que com base nos problemas identificados nesta pesquisa, possam auxiliar os formadores de leitores nas suas atividades.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. In: **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo, v.11, p. 104-116, 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40359/1/01d17t08.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2015.
- _____. Biblioteca e formação de leitores. In: YUNES, Eliane. **A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental**. São Paulo: Moderna, 1994. p. 99-103.
- ALVES, Alda Maria Ribeiro. A formação de leitores dentro das escolas. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 15., 2009, Maceió. **Anais...** Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/99.%20a%20forma%C7%C3o%20de%20leitores%20dentro%20das%20escolas.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2015.
- ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ARAÚJO, Paula Carina de; SALES, Fernanda de. O bibliotecário e a formação de leitores. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 16, n. 2, p.562-578, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/780>>. Acesso em: 30 mai. 2015.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCH, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59>>. Acesso em: 30 mai. 2015.
- BERENBLUM, Andrea. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.
- BESSA, Amanda de Queiroz. **A interação entre bibliotecárias e professores de escolas públicas estaduais em Manaus, Amazonas, na Biblioteca Escolar**. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- BEZERRA, Fabiana de Oliveira; SILVA, Alzira Karla Araújo da. A biblioteca particular e sua função social: um espaço de (in)formação de leitores. **Biblionline**, João Pessoa, v. 4, n. 1/2, p.1-20, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/3140/2623>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Lei 12.244/10 de 24 de maio de 2010**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 6 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da escola (PNBE):** leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Médio noturno em Santa Catarina:** democratização e diversidade. Brasília, 2006. 62 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7614-emnot-relatorio-sc-final-pdf&category_slug=fevereiro-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 out. 2015.

CALDEIRA, Paulo da Terra. Biblioteca escolar e acervo de classe. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 51-53.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.15, p.47-58, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47/5235>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

_____. **Leitura e literatura infanto-juvenil.** Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

_____. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 2, p.163-168, jun./dez. 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-11

_____. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 15, n. 29, p.184-208, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

CARVALHO, Adriana Cintra de; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., Porto Alegre, 2004. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5149827770919209869381023999355510346.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 21-23.

CHAGAS, Magda Teixeira. **Novos rumos da biblioteca escolar**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Leitura e obtenção de conhecimento nas histórias em quadrinhos de super-heróis. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna (Org.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 2010. P. 141-159. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgci/publicacoes%20-%20temasdepesquisas.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 13 out. 2014.

_____. **Manifesto para as Bibliotecas Escolares**. Portugal, 1999. Disponível em: <<http://www.bm-ferreiradecastro.com/documentos/Manifesto%20para%20a%20Biblioteca%20Escolar.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Juca. Pela transformação do Brasil em um país de leitores. In: MARQUES NETO, José Castilho (Org.). **PNLL**: textos e história. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/plano_nacional_livro_leitura_-_textos_historias_.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2015.

FLECK, Felícia; PEREIRA, Magda Chagas. O bibliotecário escolar de Florianópolis e sua relação com a leitura. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.286-302, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/509/654>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

FOINA, Luciana de Mello Gomide. A alfabetização na escola. In: YUNES, Eliane. **A formação do leitor**: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental. São Paulo: Moderna, 1994. p. 59-69.

FRAGOSO, Graça Maria. **Biblioteca e escola: uma atividade interdisciplinar**. Belo Horizonte: Ed. Le, 1994.

FURTADO, Cassia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. BIBLON: Plataforma de incentivo a leitura literária para crianças. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p.68-85, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42335>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

FURTADO, Cassia Cordeiro; OLIVEIRA, Lisbeth. A biblioteca escolar na formação de comunidades de leitores-autores via web. **Informação & Sociedade: Estudos** v. 20, n. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008853&dd1=7aa81>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

GARCEZ, Eliane; BLATTMANN, Úrsula. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC: CRB-8a. Região, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODMAN, Yetta M. **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HADDAD, Fernando. Desafios a vencer. In: MARQUES NETO, José Castilho (Org.). **PNNL: textos e história**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/plano_nacional_livro_leitura_-_textos_historias_.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2015

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.1-11, 2003. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/404/507>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1989.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva; SCHMIDT, Luciane Vaughn. A política de leitura em campinas: o caso da biblioteca municipal “Prof. Ernesto Manoel Zink”. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 1, n. 3, p.1-30, jun. 2000. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/1907/1747>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

LEITE, Suellen Moura, et. al. Lei 12.244/10: uma esperança para as bibliotecas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n], 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1253/1254>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p.398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/276>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC: CRB-8a. Região, 2005.

MARQUES NETO, José Castilho (Org.). **PNLL**: textos e história. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010. Disponível em: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/plano_nacional_livro_leitura_-_textos_historias_.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2015.

MARTINS, Elizandra. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 55-64.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAUÉS, Flamarion. A exclusão da leitura. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. 50, fev./mar./abr.2002. Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/cultura-exclusao-da-leitura>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

MELLO, Ana Maria Lisboa. Leitura e literatura no espaço da escola. In: YUNES, Eliane. **A formação do leitor**: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental. São Paulo: Moderna, 1994. p. 70-78.

MODESTO, Fernando. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC: CRB-8a. Região, 2005.

NEBIAS, Melissa. **Santa Catarina está entre os estados com menor índice de reprovação**. 2012. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/3466-santa-catarina-esta-entre-os-estados-com-menor-indice-de-reprovacao>>. Acesso em: 22 out. 2015.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

PEREIRA, Magda Chagas. Algumas considerações sobre a leitura do hipertexto. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 3, n. 3, p.31-46, 1998. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/328>>. Acesso em: 5 jun. 2015

PERISSÉ, Gabriel. Métodos de leitura; passos e contrapés. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Leitura, história e educação**: um diálogo possível. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2006. Cap. 3. p. 69-88.

_____. Alfonso López Quintás: uma reaproximação crítica. **International Studies On Law And Education**, São Paulo, v. 12, p.77-84, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://hottopos.com/isle12/77-84gabriel.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augisa Karla. O Papel do Bibliotecário Escolar na Formação do Leitor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina** v. 16, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011642&dd1=de45a>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.3, p.183-193, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/814/656>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

SANTAELLA, Lucia. A leitura fora do livro. In: **Exposição Poesia Intersignos: do impresso ao sonoro e ao digital**. São Paulo, 28 abr. 1998. Disponível em: <<http://ufba2011.com/A-LEITURA-FORA-DO-LIVRO.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p.63-75, jan./abril.,2011. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/480/460>>. Acesso em: 30 maio 2015.

SÃO PAULO. ZOARA FAILLA. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012. 344 p. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Concepções de leitura e suas consequências no ensino**. Perspectiva, Florianópolis, v. 17, n. 31, p.11-19, jan./jun. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 11. ed. Campinas: Leitura Crítica, 2010.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. Dossiê Formação de Leitores – Bibliotecas – Mediadores. **Revista Leitura: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 29, n. 57, p.8-9, nov. 2011. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/36/4>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: formação e atuação**. 2006. 241 f. Tese (doutorado) - Universidade

Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/11449/101530>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

VIANA, Lilian; PIERUCCINI, Ivete. Políticas públicas para bibliotecas escolares: do acesso à apropriação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em:
<<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/258/361>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

WEBER, Aline; SANTOS, Edmea; CRUZ, Mara Monteiro da. Letramentos e alfabetizações na cibercultura: crianças e jovens em rede, desafios para educação. **Revista Leitura: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 32, n.62, p.59-73, jul. 2014. Disponível em:
<<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/240>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

YUNES, Eliane. Por uma política nacional de leitura. In: _____. **A formação do leitor: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental**. São Paulo: Moderna, 1994. p. 10-26.

APÊNDICE A – Termo de autorização institucional

Florianópolis, ____ de _____ de 2015.

Prezado(a) Diretor(a),

Eu, Marcela Reinhardt de Souza, acadêmica do Curso de Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina, venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na _____, orientado pela Professora Dra. Magda Teixeira Chagas.

O objetivo geral do TCC é realizar uma análise comparativa entre a formação leitora que os alunos de escolas privadas e estaduais do 1º ano do Ensino Médio tiveram ao longo do Ensino Fundamental. A pesquisa será realizada por meio da aplicação de questionários com os alunos do 1º ano do Ensino Médio.

A qualquer momento vossa senhoria poderá solicitar esclarecimentos sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores estão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para solucionar ou contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa.

Os dados obtidos serão utilizados na publicação do Trabalho de Conclusão de Curso e podem ser publicados em artigos científicos. Assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de vossa instituição como nome, endereço e outras informações pessoais. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento.

Em anexo, segue cópia do questionário a ser utilizado nesta pesquisa.

Autorização Institucional

Eu _____, responsável pela instituição _____, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, a qualquer momento como instituição CO-PARTICIPANTE desta pesquisa poderemos revogar esta autorização, se comprovada atividades que causem algum prejuízo à esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos

integrantes desta instituição. Declaro também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Responsável pela Instituição

Marcela Reinhardt de Souza
Acadêmica do Curso de Graduação em Biblioteconomia UFSC

Professora Dra. Magda Teixeira Chagas
Orientadora

Documento em duas vias:

1ª via instituição

2ª via pesquisadores

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados

- 1) Qual o seu sexo?
 - Feminino.
 - Masculino.

 - 2) Qual a sua idade?
 - 13 anos.
 - 14 anos.
 - 15 anos.
 - 16 anos ou mais.

 - 3) Em qual escola você estuda?
-
- 4) Durante o Ensino Fundamental, você estudou:
 - Somente em escola da rede pública.
 - Somente em escola da rede particular.
 - Em escolas da rede pública e da rede particular.

 - 5) Indique da(s) escola(s) em que você estudou qual(is) tinha(m) biblioteca?
 - Somente na escola da rede pública.
 - Somente na escola da rede particular.
 - Em ambas escolas da rede pública e da rede particular.
 - Não tinha biblioteca em nenhuma delas.

 - 6) Com relação à sua frequência à biblioteca durante o Ensino Fundamental, informe: (pode assinalar mais de uma resposta)
 - Eu não frequentava a biblioteca.
 - Eu ia à biblioteca, quando solicitado pelo professor (a).
 - Eu ia à biblioteca quando tinha que fazer algum trabalho.
 - Eu ia à biblioteca para ler.
 - Eu ia à biblioteca para estudar.
 - Outro motivo. Qual?

 - 7) Se você respondeu SIM à questão 6, quem o motivava a visitá-la? (pode assinalar mais de uma resposta)
 - Familiares.
 - Amigos.
 - Professores.
 - Professor responsável pela biblioteca.
 - Bibliotecários.
 - Outra pessoa. Quem?

 - 8) Se você respondeu SIM à questão 6, na biblioteca você encontrava alguém que o ajudasse na escolha de suas leituras?
 - Sim.
 - Não.

 - 9) Se você respondeu SIM à questão 8, informe quem orientava suas leituras:

- Professores.
 - Professor responsável pela biblioteca.
 - Bibliotecário.
 - Outra pessoa. Quem?
- 10) Se você respondeu NÃO à questão 8, informe como você selecionava os livros que lia:
- Você escolhia o livro que queria/precisava procurando pela biblioteca.
 - Você escolhia o livro que queria/precisava procurando dicas na Internet.
 - Outro procedimento. Qual?
- 11) O que você leu durante o Ensino Fundamental? (pode assinalar mais de uma resposta)
- Histórias em quadrinho.
 - Revistas e jornais impressos.
 - Revistas e jornais online e sites de notícias.
 - Autoajuda.
 - Romance.
 - Romance policial.
 - Drama.
 - Comédia.
 - Terror.
 - Poesia.
 - Fantasia.
 - Ficção científica.
 - Distopia.
 - Infanto-juvenil.
 - Outro. Qual?
- 12) Como você adquiria os livros que lia durante o Ensino Fundamental? (pode assinalar mais de uma resposta)
- Eu comprava.
 - Eu ganhava.
 - Eu pegava emprestado na biblioteca.
 - Eu pegava emprestado com familiares ou amigos.
 - Outra forma. Qual?
- 13) Quem lhe influenciava a ler durante o Ensino Fundamental? (pode assinalar mais de uma resposta)
- Familiares.
 - Amigos.
 - Professores.
 - Professor responsável pela biblioteca.
 - Bibliotecários.
 - Outra pessoa. Quem?
- 14) Você costumava ler durante o Ensino Fundamental: (pode assinalar mais de uma resposta)
- Material impresso.
 - Material digital.
- 15) Qual a média de livros que você lê atualmente?

- Nenhum.
 - 1 ou 2 por mês.
 - 1 ou 2 por semestre.
 - 1 ou 2 por ano.
 - 3 ou 4 por ano.
 - Mais. Indique quantos:
- 16) Quanto interessado pela leitura você se considera?
- Muito interessado (a).
 - Interessado (a).
 - Pouco interessado (a).
 - Desinteressado (a).
- 17) Que tipo de leitura mais lhe atrai atualmente? (pode assinalar mais de uma resposta)
- Histórias em quadrinho.
 - Revistas e jornais impressos.
 - Revistas e jornais online e sites de notícias.
 - Autoajuda.
 - Romance.
 - Romance policial.
 - Drama.
 - Comédia.
 - Terror.
 - Poesia.
 - Fantasia.
 - Ficção científica.
 - Distopia.
 - Infanto-juvenil.
 - Outro. Qual?
- 18) Como você se sente, com relação a suas habilidades de leitura:
- Totalmente incapaz de compreender o que leio.
 - Capaz de compreender parte do que leio.
 - Totalmente capaz de compreender o que leio.
- 19) Que características um livro deve ter para que você se interesse pela sua leitura? (pode assinalar mais de uma resposta)
- O tema deve ser de meu interesse.
 - O autor deve ser conhecido.
 - A capa deve ser atrativa.
 - Deve ter ilustrações.
 - Meus amigos já leram e indicaram.
 - O livro deve ter sido lançado a pouco tempo.
 - Outro. Qual?
- 20) Utilize este espaço para colocar qualquer informação que julgar necessária, relativa ao tema desta pesquisa.